

A SALA DAS
BORBOLETAS

LUCINDA
RILEY

A SALA DAS
BORBOLETAS



Título original: *The Butterfly Room*

Copyright © 2019 por Lucinda Riley

Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado

preparo de originais: Beatriz D'Oliveira

revisão: Flávia Midori e Tereza da Rocha

diagramação: Valéria Teixeira

adaptação de capa: Gustavo Cardozo

imagens de capa: © Alison Archinuk/ Trevillion Images (fundo);

© Shutterstock (borboletas)

impressão e acabamento: Bartira Gráfica

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R43s Riley, Lucinda

A sala das borboletas / Lucinda Riley; tradução de Alves Calado.

São Paulo: Arqueiro, 2019.

496 p.; 16 x 23 cm.

Tradução de: *The butterfly room*

ISBN 978-85-306-0049-5

1. Ficção americana. I. Calado, Alves. II. Título.

19-59720

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha sogra, Valerie, com amor

Posy



*Almirante-vermelho
(Vanessa atalanta)*

*Admiral House
Southwold, Suffolk*

Junho de 1943

– Lembre, querida, você é uma fada, flutuando em silêncio pelo gramado com asas diáfanas, pronta para capturar a presa em sua rede de seda. Olhe! – sussurrou ele em meu ouvido. – Ali, na beira da folha. Agora. Voe!

Como ele havia me ensinado, fechei os olhos por alguns segundos e fiquei na ponta dos pés, imaginando que eles saíam do chão. Então senti a mão de papai me dar um suave empurrão. Abri os olhos e focalizei o par de asas azul-jacinto, então voei os dois passos necessários para lançar minha rede ao arbusto de budleia onde a grande-borboleta-azul estava empoleirada.

A agitação do ar quando a rede cercou o alvo alertou a borboleta, que abriu as asas se preparando para voar. Mas era tarde demais, porque eu, Posy, a Princesa das Fadas, a havia capturado. Ela não sofreria nenhum mal, claro, seria apenas levada para que Lawrence, o Rei do Povo Mágico – que também era meu pai –, a estudasse, então seria solta depois de desfrutar de uma grande tigela do melhor néctar.

– Minha Posy é tão esperta! – disse papai enquanto eu voltava por entre as folhagens e lhe entregava a rede, orgulhosa.

Ele estava agachado, de modo que nossos olhos – que todo mundo dizia serem tão parecidos – se encontraram em um orgulho e um deleite compartilhados.

Eu o vi baixar a cabeça para examinar a borboleta, que permanecia completamente imóvel, as patas minúsculas agarradas à prisão da rede branca. O cabelo de papai tinha a cor de mogno escuro, e o óleo que ele usava para arrumá-lo o fazia brilhar ao sol como o tampo da comprida mesa de jantar

depois que Daisy a lustrava. Também tinha um aroma maravilhoso: o cheiro dele, de tranquilidade, porque ele era o “lar” e eu o amava mais do que qualquer coisa nos meus mundos, tanto o humano quanto o das fadas. Eu também amava mamãe, claro. Só que, apesar de ela ficar em casa na maior parte do tempo, eu não sentia que a *conhecia* tão bem quanto conhecia papai. Ela passava muitas horas em seu quarto, com uma coisa chamada enxaqueca, e ao sair parecia sempre ocupada demais para ficar comigo.

– Esta aqui é formidável, minha querida! – disse papai, erguendo os olhos para me encarar. – Uma verdadeira raridade por estas bandas, e sem dúvida é de linhagem nobre.

– Será que é um príncipe das borboletas?

– Pode muito bem ser – concordou papai. – Precisamos tratá-lo com o máximo respeito, como exige seu status real.

– Lawrence, Posy... almoço! – gritou uma voz para além da folhagem.

Papai ergueu o corpo acima do arbusto de budleia e acenou através do gramado para o terraço da Admiral House.

– Estamos indo, amor! – gritou ele bem alto, já que estávamos a certa distância.

Observei seus olhos se franzirem em um sorriso ao ver a esposa: minha mãe, que era, mesmo sem saber, a Rainha do Povo Mágico. Essa era uma brincadeira que somente papai e eu compartilhávamos.

Atravessamos o gramado de mãos dadas, sentindo o cheiro da grama recém-cortada, que eu associava a dias felizes no jardim: os amigos de mamãe e papai com champanhe em uma das mãos, taco de croquet na outra, o ruído seco de uma bola disparando pelo retângulo de grama que papai aparava para aquelas ocasiões...

Esses dias felizes vinham acontecendo com menos frequência desde o início da guerra, o que tornava as lembranças ainda mais preciosas. A guerra também deixara meu pai manco, de modo que andávamos bem devagar, o que para mim era ótimo, porque significava que ele era todo meu por mais tempo. Ele agora estava muito melhor do que quando voltara do hospital. Naquela época, ele ficava em uma cadeira de rodas, como um velho, e seus olhos também pareciam cansados. Mas com os cuidados de mamãe e Daisy, e eu me esforçando ao máximo para ler livros de histórias para ele, papai progrediu depressa. Agora não precisava nem de bengala para andar, a não ser que fosse além dos limites da propriedade.

– Bom, Posy, corra para dentro e lave as mãos e o rosto. Diga à sua mãe que vou acomodar nosso novo hóspede – disse ele, gesticulando com a rede quando chegamos aos degraus que levavam ao terraço.

– Sim, papai – respondi enquanto ele se virava para atravessar o gramado e desaparecia através de uma alta cerca viva.

Estava indo para o Torreão, que, com seus tijolos amarelos de areia, era o mais perfeito castelo para o povo das fadas e suas amigas borboletas. Papai realmente passava um bocado de tempo lá. Sozinho. Eu só tinha permissão de espiar a sala redonda postada atrás da porta da frente – um lugar muito escuro que cheirava a meias mofadas –, quando mamãe pedia que eu o chamasse para o almoço.

A sala do primeiro andar era onde ele mantinha seu “equipamento de ar livre”, como o chamava: raquetes de tênis largadas junto de tacos de críquete e galochas enlameadas. Eu nunca fora convidada para subir a escada em caracol que ia até o topo (sabia disso porque a tinha subido secretamente quando papai foi chamado por mamãe para atender um telefonema em casa). Foi muito frustrante descobrir que ele havia trancado a grande porta de carvalho que me recebeu lá em cima. Apesar de eu girar a maçaneta com toda a força de minhas mãozinhas, ela não cedeu. Eu sabia que, diferentemente da sala de baixo, havia muitas janelas naquele cômodo, porque dava para vê-las pelo lado de fora. O Torreão me lembrava um pouco o farol em Southwold, só que ele tinha uma coroa dourada no topo em vez de uma luz muito forte.

Enquanto subia os degraus para o terraço, dei um suspiro feliz olhando as lindas paredes de tijolo vermelho-claro da casa principal, com suas fileiras de janelas de guilhotina emolduradas por ramos de glicínia verde-lima. Notei que a velha mesa de ferro fundido, agora de um tom mais verde do que o preto original, estava sendo arrumada para o almoço. Havia apenas três conjuntos de pratos e copos, o que significava que seríamos só nós, algo muito incomum. Pensei em como seria bom ter mamãe e papai só para mim. Entrei em casa pela ampla porta da sala de estar, passei entre os sofás de seda adamsada que rodeavam a enorme lareira de mármore – tão grande que no ano anterior Papai Noel tinha conseguido descer por ela com uma bicicleta vermelha e brilhante – e segui pelo labirinto de corredores que levavam ao banheiro do térreo. Fechei a porta e usei as duas mãos para abrir a torneira de prata, depois as lavei meticulosamente. Fiquei na

ponta dos pés para olhar meu reflexo no espelho e procurei alguma sujeira no rosto. Mamãe era muito exigente com a aparência – papai dizia que era por causa de sua ascendência francesa –, e aí de qualquer um de nós se não chegássemos imaculados à mesa!

Mas nem ela era capaz de controlar os cachos castanhos que viviam escapando das minhas tranças apertadas, aparecendo na nuca e se esgueirando para fora das presilhas que tentavam ao máximo deixar os fios longe da minha testa. Certa noite, enquanto papai me colocava para dormir, perguntei se poderia pegar emprestado um pouco de seu óleo de cabelo, achando que poderia ajudar, mas ele apenas riu e enrolou um dos meus cachos no dedo.

– Nada disso. Eu adoro seus cachos, querida, e, se dependesse de mim, eles ficariam livres para voar pelos seus ombros todo dia.

Enquanto voltava pelo corredor, desejei de novo ter o cabelo liso e louro de mamãe. Era da cor do chocolate branco que ela servia com café depois do jantar. Meu cabelo era mais café com leite, ou pelo menos era o que mamãe dizia; para mim, era marrom-ratazana.

– Aí está você, Posy – disse mamãe quando cheguei ao terraço. – Onde está seu chapéu?

– Ah, devo ter deixado no jardim quando papai e eu fomos pegar borboletas.

– Quantas vezes já falei que seu rosto vai ficar queimado e você vai acabar enrugada feito uma ameixa velha? – censurou ela enquanto eu me sentava. – Você vai parecer ter 60 anos quando tiver 40.

– Sim, mamãe – concordei, pensando que, de qualquer modo, aos 40 anos eu já seria tão velha que nem me importaria.

– Como está minha outra garota predileta neste dia lindo?

Papai apareceu no terraço e tomou minha mãe nos braços, fazendo-a derramar água da jarra que ela segurava na pedra verde do piso.

– Cuidado, Lawrence! – repreendeu mamãe com a testa franzida, antes de se soltar e colocar a jarra na mesa.

– Este não é um dia maravilhoso para se estar vivo? – Ele sorriu enquanto se sentava à minha frente. – E parece que o tempo estará ótimo no fim de semana para a nossa festa.

– Vamos ter uma festa? – perguntei enquanto mamãe se sentava ao lado dele.

– Vamos, sim, querida. Disseram que estou em condições de retomar o serviço, por isso sua mãe e eu decidimos festejar enquanto podemos.

Meu coração falhou uma batida enquanto Daisy, nossa empregada faz-tudo desde que os outros tinham ido servir na guerra, trazia a carne e os rabanetes. Eu odiava rabanetes, mas era tudo que havia da horta naquela semana, já que a maioria dos alimentos plantados ali precisava ir para a guerra também.

– Quanto tempo você vai ficar fora, papai? – perguntei em uma voz baixa e tensa, porque de repente havia um grande bolo na minha garganta.

Parecia que tinha entalado um rabanete ali, e eu soube que logo estaria chorando.

– Ah, não deve ser por muito mais tempo. Todo mundo sabe que os alemães estão condenados, mas eu preciso dar um último empurrãozinho. Não posso desapontar meus colegas, não é?

– É, papai – consegui falar em tom embargado. – Você não vai se machucar de novo, vai?

– Ele não vai, *chérie*. Seu papai é indestrutível, não é, Lawrence?

Vi minha mãe sorrir para ele, tensa, parecendo tão preocupada quanto eu.

– Sou, meu amor. – Ele segurou a mão dela e a apertou com força. – Claro que sou.



– Papai? – chamei durante o café da manhã do dia seguinte, mergulhando minha torrada no ovo mole. – Hoje está bem quente, podemos ir à praia? Faz muito tempo que a gente não vai.

Vi papai lançar um olhar para mamãe, mas ela estava lendo suas cartas enquanto tomava o *café au lait* e não pareceu notar. Mamãe sempre recebia um monte de cartas da França, todas escritas em papel muito fino, mais fino do que uma asa de borboleta, o que combinava com ela, porque tudo em mamãe era delicado.

– Papai? A praia.

– Querida, infelizmente a praia não está boa para brincadeiras. Está cercada de arame farpado e cheia de minas. Você se lembra de quando expliquei o que aconteceu em Southwold no mês passado?

– Lembro.

Olhei para meu ovo e estremei, recordando como Daisy tinha me carregado para o abrigo Anderson (que pensei se chamar assim porque esse era o nosso sobrenome. Fiquei muito confusa quando Mabel disse que sua família também tinha um abrigo Anderson, já que o sobrenome dela era Price). Parecera que o céu estava iluminado por trovões e relâmpagos, mas em vez de ter sido Deus que os mandara, papai disse que fora Hitler. No abrigo ficamos todos amontoados e papai disse que devíamos fingir que éramos uma família de ouriços e que eu devia me enrolar como um ouricinho. Mamãe ficou bem chateada porque ele me chamou de ouricinho, mas foi isso que eu fingi ser, encolhida embaixo da terra enquanto os humanos se matavam lá em cima. Depois de um tempo aqueles sons terríveis pararam. Papai disse que podíamos voltar para cama, mas eu fiquei triste porque tive que ir sozinha para a minha cama humana em vez de continuarmos todos juntos na nossa toca.

Na manhã seguinte encontrei Daisy chorando na cozinha, mas ela não quis dizer por quê. Naquele dia a carroça do leite não tinha vindo, e depois mamãe falou que eu não iria à escola porque a escola não existia mais.

– Como assim, não existe mais, mãe?

– Uma bomba caiu nela, *chérie* – respondeu mamãe, soltando a fumaça do cigarro.

Ela estava fumando agora também, e às vezes eu me preocupava pensando que ela ia pôr fogo nas cartas porque as segurava muito perto do rosto enquanto lia.

– E nossa cabana de praia? – perguntei a papai.

Eu amava nossa cabaninha: era pintada de amarelo-manteiga e ficava bem no final da orla, de modo que, se olhássemos de certo ângulo, podíamos fingir que éramos as únicas pessoas na praia por quilômetros. Mas, se virássemos para o outro lado, víamos que não estávamos muito longe do gentil vendedor de sorvete do píer. Papai e eu sempre fazíamos castelos de areia muito elaborados, com torres e fossos, de tamanho suficiente para que todos os caranguejinhos morassem ali, caso decidissem se aproximar. Mamãe jamais ia à praia; dizia que era “arenosa demais”. Eu achava que isso era como dizer que o oceano era molhado demais.

Sempre que íamos havia um velho com chapéu de aba larga andando devagar pela orla, cutucando a areia com uma bengala comprida, mas

diferente da que papai usava para caminhar. O homem segurava uma sacola grande e de vez em quando parava e começava a cavar.

– O que ele está fazendo, papai?

– Ele é um rato de praia, querida. Passa pente-fino na areia, procurando coisas que possam ter sido jogadas dos navios ou que o mar trouxe de lugares distantes.

– Ah, entendi – falei, mas o homem não tinha nenhum tipo de pente, muito menos um igual ao que Daisy passava no meu cabelo toda manhã. – Você acha que ele vai encontrar algum tesouro escondido?

– Com certeza. Se ele cavar o suficiente, vai acabar encontrando alguma coisa.

Observei, cada vez mais empolgada, enquanto o homem tirava algo do buraco e espanava a areia, mas vi que era apenas um velho bule esmaltado.

– Que decepção! – disse, suspirando.

– Lembre, querida: o lixo de uma pessoa pode ser o tesouro de outra. Talvez todos sejamos ratos de praia, de algum modo. – Papai franziu os olhos na direção do sol. – Ficamos procurando, esperando encontrar enterrado um tesouro que vá enriquecer nossa vida. E quando encontramos um bule em vez de uma joia reluzente, precisamos continuar.

– Você ainda está procurando um tesouro, papai?

– Não, minha Princesa das Fadas, já encontrei.

Ele sorriu e beijou o topo da minha cabeça.



Depois de muita insistência, papai acabou cedendo e decidiu me levar até um rio para nadar. Daisy me ajudou a vestir a roupa de banho e enfiou um chapéu sobre meu cabelo cacheado, então entrei no carro de papai. Mãe estava ocupada demais preparando a festa do dia seguinte, mas acabei achando bom, porque então o Rei do Povo Mágico e eu podíamos receber todas as criaturas do rio em nossa corte.

– Lá tem lontras? – perguntei enquanto ele seguia na direção oposta ao mar, passando pelos campos verdes.

– É preciso ficar muito quieta para ver as lontras. Você consegue, Posy?

– Claro!

Seguimos por um longo tempo antes que eu visse o rio azul serpenteando

atrás dos juncos. Ele parou o carro e caminhamos até a margem, papai carregando todos os nossos equipamentos científicos: uma máquina fotográfica, redes para pegar borboletas, potes de vidro, limonada e sanduíches de carne enlatada.

Libélulas roçavam a superfície da água, desaparecendo rapidamente quando entrei espadanando. A água estava deliciosamente fria, mas minha cabeça pinicava de calor embaixo do chapéu, por isso eu o joguei na margem, onde papai também já estava de roupa de banho.

– Com todo esse barulho, qualquer lontra que estivesse aqui certamente saiu correndo – disse papai, entrando na água, que mal chegava a seus joelhos, de tão alto que ele era. – Veja essas plantas aquáticas. Vamos levar um pouco para casa, para a nossa coleção?

Juntos enfiamos a mão na água e puxamos uma das flores amarelas, revelando as raízes bulbosas. Havia um monte de insetos morando nela, por isso enchemos um vidro com água e depois colocamos o espécime dentro, para preservá-lo.

– Você se lembra do nome latino, querida?

– U-tri-cu-la-ria! – respondi, orgulhosa, saindo da água e me sentando ao lado dele no capim da margem.

– Menina inteligente. Quero que você prometa que vai continuar aumentando nossa coleção. Se vir uma planta interessante, preense, como eu mostrei. Afinal de contas, vou precisar de ajuda com meu livro enquanto estiver longe, Posy.

Ele me entregou um sanduíche tirado da cesta de piquenique e eu o peguei, tentando parecer muito séria e científica. Queria que papai soubesse que podia confiar seu trabalho a mim. Antes da guerra, ele fora uma coisa chamada botânico e passara quase a minha vida inteira escrevendo seu livro. Frequentemente se trancava no Torreão para “pensar e escrever”. Às vezes trazia o livro para a casa e me mostrava alguns desenhos que tinha feito.

Eram maravilhosos. Ele explicou que o livro era sobre o habitat onde morávamos e havia lindas ilustrações de borboletas, insetos e plantas. Uma vez papai me contou que, se uma coisinha mudasse, tudo poderia se desequilibrar.

– Veja esses mosquitos, por exemplo – comentara papai, apontando para uma irritante nuvem de insetos em uma noite quente de verão. – Eles são fundamentais para o ecossistema.

– Eles picam a gente – falei, afastando um com um tapa.
– É a natureza deles, sim. – Ele riu. – Mas, sem eles, muitas espécies de pássaros não teriam uma fonte constante de alimento e sua população despencaria. E se as populações de pássaros forem afetadas, isso repercutirá no resto da cadeia alimentar. Sem os pássaros, outros insetos, como os gafanhotos, teriam de repente menos predadores e continuariam se multiplicando e comendo todas as plantas. E sem as plantas...

– Não haveria comida para todos os *herbívoros*.

– Herbívoros. É. Então veja só: tudo está em um equilíbrio delicado. E o bater das asas de uma borboleta pode fazer toda a diferença no mundo.

Pensei nisso naquele momento, mastigando o sanduíche.

– Tenho uma coisa especial para você – disse papai, enfiando a mão na sua mochila, de onde tirou uma lata brilhante e me entregou.

Abri-a e vi dezenas de lápis perfeitamente apontados, em todas as cores do arco-íris.

– Enquanto eu estiver longe, você deve continuar com seus desenhos, e quando eu voltar você me mostra quanto melhorou.

Assenti, feliz demais com o presente para falar.

– Quando estudei em Cambridge, fui ensinado a realmente olhar o mundo. Muitas pessoas andam por aí cegas à beleza e à magia que existe em volta. Você não, Posy, você já vê as coisas de um jeito melhor do que a maioria. Quando desenhamos a natureza, começamos a entendê-la, podemos ver todas as suas partes e como elas se unem. Ao desenhar e examinar o que vê, *you* pode ajudar outras pessoas a entender o milagre da natureza.



Quando chegamos em casa, Daisy me deu uma bronca por ter molhado o cabelo e me enfiou na banheira, o que achei que não fazia sentido, já que ia molhar meu cabelo todo de novo. Assim que Daisy me pôs na cama, saiu e fechou a porta, eu me levantei e peguei meus novos lápis de cor, acariciando as pontas macias e finas. Pensei que, se praticasse bastante, quando papai voltasse da guerra eu poderia mostrar que era boa o suficiente para estudar em Cambridge também. Mesmo sendo menina.

Na manhã seguinte, olhei da janela do quarto os carros que começavam a chegar pela nossa estradinha. Todos estavam lotados; eu tinha

ouvido mamãe dizer que todos os seus amigos haviam juntado os cupons de gasolina para fazer a viagem desde Londres. Na verdade, ela os chamava de “émigrés”, e eu sabia que significava “emigrantes”, pois ela falava francês comigo desde que eu era bebê. O dicionário dizia que emigrante era uma pessoa que se mudava do país natal para outro. Segundo mamãe, parecia que Paris inteira tinha se mudado para a Inglaterra, querendo escapar da guerra. Eu sabia que isso não era verdade, claro, mas nas festas sempre parecia haver mais amigos franceses dela do que os ingleses de papai. Eu não me incomodava, porque eles eram muito elegantes: os homens com suas echarpes lustrosas e paletós de cores vivas, e as mulheres com vestidos de cetim e batom vermelho. E o melhor de tudo: sempre me traziam presentes, de modo que parecia o Natal.

Papai os chamava de “boêmios”, que segundo o dicionário eram pessoas criativas, como artistas, músicos e pintores. Mamãe tinha sido cantora em uma famosa boate de Paris e eu adorava ouvir sua voz, que era densa e fluía como chocolate derretido. Ela não sabia que eu ficava escutando, claro, porque deveria estar dormindo, mas sempre que havia uma festa em casa, era impossível dormir. Por isso eu descia a escada de fininho e ouvia a música e as conversas. Nessas noites, era como se mamãe ganhasse vida, como se nos intervalos entre as festas ela fingisse ser uma boneca inanimada. Eu adorava ouvir sua risada, porque, quando estávamos sozinhas, ela não costumava rir muito.

Os amigos de papai também eram simpáticos, mas todos pareciam se vestir do mesmo jeito, em azul-marinho e marrom, por isso era difícil diferenciá-los. Meu padrinho, Ralph, o melhor amigo de papai, era meu predileto; eu o achava muito bonito, com o cabelo escuro e grandes olhos castanhos. Em um dos meus livros, o príncipe beijava a Branca de Neve para acordá-la. Ralph era igual a ele. E também tocava piano lindamente: antes da guerra, tinha sido concertista (antes da guerra, todo adulto que eu conhecia tinha sido outra coisa, menos Daisy, nossa empregada). Tio Ralph tinha alguma doença que o impedia de lutar ou pilotar aviões. O trabalho dele era o que os adultos chamavam de “ficar atrás de uma mesa”, embora eu não conseguisse imaginar o que mais poderiam fazer com mesas a não ser sentar-se atrás delas. Quando papai estava longe pilotando seus Spitfires, tio Ralph vinha visitar mamãe e eu, o que nos animava bastante. Ele chegava para o almoço de domingo e depois tocava piano

para a gente. Havia pouco tempo eu percebera que papai estivera longe, na guerra, durante quatro dos meus sete anos neste planeta, o que devia ser péssimo para mamãe, tendo apenas eu e Daisy como companhia.

Sentei-me no meu banco junto à janela e estiquei o pescoço para observar mamãe recebendo os convidados nos largos degraus que levavam à porta de entrada, lá embaixo. Ela estava linda, em um vestido azul-escuro que combinava com seus belos olhos. E quando papai se juntou a ela, passando o braço por sua cintura, fiquei muito feliz mesmo. Daisy chegou para me ajudar a pôr o vestido novo que ela fizera usando um par de velhas cortinas verdes. Enquanto ela escovava meu cabelo e prendia apenas parte dele para trás com uma fita também verde, decidi não pensar que papai iria embora no dia seguinte e que um silêncio igual ao que se faz antes da tempestade baixaria sobre a Admiral House e sobre nós, suas moradoras.

– Pronta para descer, Posy? – perguntou Daisy.

Vi que ela estava corada, suando e parecendo muito cansada, provavelmente porque fazia muito calor e Daisy tinha preparado sozinha comida para todas aquelas pessoas. Dei-lhe meu sorriso mais doce.

– Estou, Daisy.



Meu nome de verdade não era Posy; eu tinha sido batizada em homenagem à minha mãe, Adriana. Como seria complicado demais nós duas atendermos ao mesmo nome, decidiram usar meu segundo nome, Rose, dado em homenagem à minha avó inglesa. Daisy me contou que papai começou a me chamar de Rosy Posy quando eu era bebê, um “buquê de rosas”, e em algum momento o apelido pegou. Eu achava ótimo, porque pensava que tinha muito mais a ver comigo do que qualquer um dos meus nomes verdadeiros.

Alguns parentes mais velhos de papai ainda me chamavam de Rose. E eu atendia, claro, porque tinha sido ensinada a sempre responder com educação aos adultos. Mas na festa todo mundo me conhecia como Posy. Fui abraçada e beijada e recebi embrulhinhos de doces amarrados com fita. Os amigos franceses de mamãe me davam mais amêndoas açucaradas, das quais eu não gostava muito, na verdade, mas sabia como era difícil arranjar chocolate por causa da guerra.

Sentada junto à comprida mesa de cavaletes posta no terraço para acomodar todos, sentindo o sol bater no topo do chapéu (que só me deixava com mais calor) e ouvindo a conversa ao redor, desejei que todos os dias na Admiral House pudessem ser assim: mamãe e papai sentados juntos no centro, como um rei e uma rainha recebendo a corte, o braço dele em volta dos pálidos ombros dela. Os dois pareciam tão incrivelmente felizes que senti vontade de chorar.

– Você está bem, Posy querida? – perguntou tio Ralph, sentado perto de mim. – Está fazendo um tremendo calor aqui fora – acrescentou ele, tirando um lenço branco imaculado do bolso do paletó e enxugando a testa.

– Estou bem, tio Ralph. Eu estava pensando como a mamãe e o papai parecem felizes hoje. E como é triste ele ter que voltar para a guerra.

– É.

Olhei Ralph observando meus pais e pensei que ele também tinha um semblante triste.

– Bom, se tudo correr bem, a guerra vai acabar logo – disse ele depois de um tempo. – E todos vamos poder seguir a vida.



Depois do almoço me deixaram jogar um pouco de croquet, o que fiz surpreendentemente bem, na certa porque a maioria dos adultos tinha bebido um bocado de vinho e jogava a bola de qualquer jeito. Ouvira papai dizer mais cedo que ia esvaziar o resto da adega para a ocasião, e parecia que a maior parte já fora consumida pelos convidados. Eu não entendia por que os adultos gostavam de se embriagar; para mim eles só ficavam mais barulhentos e bobos, mas talvez eu entendesse quando fosse adulta. Enquanto avançava pelo gramado na direção da quadra de tênis vi um homem com os braços em volta de duas mulheres, embaixo de uma árvore. Os três dormiam a sono solto. Alguém tocava saxofone sozinho no terraço e eu achei ótimo não termos vizinhos por perto.

Eu sabia que tinha sorte em morar na Admiral House. Quando comecei a estudar na escola do povoado e fui convidada para tomar chá com Mabel, uma colega, fiquei pasma ao descobrir que a família dela morava em uma casa onde a porta da frente dava direto para a sala de estar. Havia uma cozinha minúscula nos fundos e um banheiro *do lado de fora!* Mabel

tinha quatro irmãos e todos dormiam no mesmo quarto pequeno, no andar de cima. Foi a primeira vez que percebi que eu era de família rica, que nem todo mundo morava em uma casa grande com um jardim enorme, e foi um tremendo choque. Quando Daisy foi me buscar, perguntei por que era assim.

– É como rolam os dados, Posy – disse Daisy em seu delicado sotaque de Suffolk. – Algumas pessoas têm sorte, outras não.

Daisy gostava muito de seus ditados; metade do tempo eu não entendia o que ela queria dizer, mas fiquei feliz porque, ao rolarem, os “dados” tinham me colocado na pilha dos sortudos, e decidi que precisava rezar mais intensamente por todo mundo que não havia conseguido o mesmo.

Eu não tinha certeza se minha professora, a Srta. Dansart, gostava muito de mim. Mesmo que encorajasse todo mundo a levantar a mão se soubesse responder às perguntas, eu parecia ser sempre a primeira a fazer isso. Ela revirava os olhos de leve e seus lábios se crispavam de forma engraçada enquanto ela dizia, com voz cansada:

– Sim, Posy.

Uma vez a ouvi conversando com outra professora no pátio enquanto eu girava a ponta de uma corda de pular ali perto.

– Filha única... criada na companhia de adultos... precoce...

Quando cheguei em casa, procurei “precoce” no dicionário. E depois disso parei de levantar a mão, mesmo que a resposta queimasse em minha garganta.



Às seis horas todo mundo despertou e foi trocar de roupa para o jantar. Entrei na cozinha, onde Daisy indicou meu prato.

– Pão e geleia para você esta noite, Srta. Posy. Preciso cuidar de dois salmões que o Sr. Ralph trouxe e estou igual a um peixe fora d’água: não tenho ideia do que fazer.

Daisy riu da própria piada e de repente senti pena por ela precisar trabalhar tanto o tempo todo.

– Quer ajuda?

– As duas filhas de Marjory vão vir do povoado para arrumar a mesa e servir esta noite. Vou ficar bem. Obrigada por perguntar – disse ela, sorrindo. – Você é uma boa menina.

Quando terminei de comer, saí da cozinha antes que Daisy pudesse me mandar dormir. Era uma noite linda, eu queria sair e aproveitá-la. Ao chegar ao terraço, vi que o sol estava pairando logo acima dos carvalhos, lançando feixes de luz cor de manteiga no gramado. Os pássaros continuavam a cantar, como se ainda fosse meio-dia, e estava quente a ponto de eu não precisar de casaco. Sentei-me nos degraus, alisando o vestido de algodão sobre os joelhos e examinando uma almirante-vermelho pousada em uma planta do canteiro que se esticava até o jardim. Eu sempre havia pensado que o nome da nossa casa era por causa das borboletas que pairavam tão lindas sobre os arbustos, as “*red admirals*”. Fiquei muito chateada quando mamãe contou que o nome era em homenagem ao meu tata-tata-tata (acho que eram três “tatas” ou talvez quatro) tataravô, que foi almirante da Marinha – o que nem de longe era tão romântico.

Apesar de papai ter dito que as almirantes-vermelhos eram “comuns” naquela área, eu achava que eram as borboletas mais bonitas de todas, com suas vibrantes asas vermelhas e pretas e as manchas brancas nas beiradas, que me lembravam a pintura nos Spitfires que papai pilotava. Esse pensamento me deixou triste porque *também* me lembrou de que no dia seguinte ele ia embora de novo, para pilotá-los.

– Olá, querida, o que está fazendo aqui fora sozinha?

O som da voz de papai me fez dar um pulo, porque eu tinha acabado de pensar nele. Levantei os olhos e o vi atravessar o terraço na minha direção, fumando um cigarro que ele jogou no chão e pisou para apagar. Ele sabia que eu odiava o cheiro.

– Não diga a Daisy que você me viu, está bem, papai? Senão ela vai me mandar direto para a cama – falei apressadamente enquanto ele se sentava no degrau ao meu lado.

– Prometo. Além disso, ninguém deveria estar na cama em uma noite celestial como esta. Acho que junho é o melhor mês na Inglaterra; toda a natureza se recuperou do longo sono do inverno, se espreguiçou, bocejou e abriu as folhas e as flores para nós, humanos, aproveitarmos. Em agosto a energia já se esgotou no calor e tudo está pronto para dormir de novo.

– Como a gente, papai. No inverno, fico feliz de ir para cama.

– Exatamente, querida. Nunca se esqueça de que estamos indissolivelmente ligados à natureza.

– A Bíblia diz que Deus fez tudo que há na Terra – falei, cheia de importância, tendo aprendido isso nas aulas de religião.

– De fato, mas acho difícil acreditar que ele conseguiu fazer isso em apenas sete dias.

Ele deu um risinho.

– É magia, não é? Igual ao Papai Noel entregando presentes para todas as crianças do mundo em uma noite só.

– É, sim, Posy, claro que é. O mundo é um lugar mágico e todos devemos nos considerar sortudos por viver nele. Jamais se esqueça disso, está bem?

– Está bem. Papai?

– Oi, Posy.

– A que horas você vai embora amanhã?

– Preciso pegar o trem depois do almoço.

Baixei os olhos para meus sapatos de verniz pretos.

– Estou com medo de que você se machuque de novo.

– Não precisa ter medo, querida. Como sua mãe disse, eu sou indestrutível. Ele sorriu.

– Quando você vai voltar para casa?

– Assim que receber licença, o que não deve demorar muito. Cuide da sua mãe enquanto eu estiver fora, está bem? Sei que ela fica triste quando está sozinha aqui.

– Eu sempre tento, pai. Ela só fica triste porque te ama e sente sua falta.

– É. E, meu Deus, Posy, como eu a amo. Pensar nela, e em você, é tudo que me sustenta quando estou voando. Não fazia muito tempo que estávamos casados quando esta maldita guerra começou, sabe.

– Depois que você a ouviu cantando na boate em Paris e se apaixonou por ela na mesma hora, e depois a levou para a Inglaterra para se casarem antes que ela pudesse mudar de ideia – falei em um tom sonhador.

A história de amor dos meus pais era muito melhor do que qualquer uma dos meus livros de contos de fadas.

– É. É o amor que faz a magia acontecer na vida, Posy. Mesmo no dia mais sem graça, nas profundezas do inverno, o amor pode fazer o mundo se iluminar e parecer lindo como agora.

Papai soltou um suspiro profundo, então segurou minha mão.

– Prometa que, quando encontrar o amor, você vai se agarrar a ele e não vai soltar nunca mais.

– Prometo, papai – comentei, olhando-o, séria.

– Boa menina. Agora preciso me trocar para o jantar.

Ele deu um beijo no topo dos meus cachos, levantou-se e voltou para dentro de casa.

Claro que na ocasião eu não sabia, mas aquela foi a última conversa de verdade que tive com o meu pai.



Papai foi embora na tarde seguinte, e todos os convidados também. Naquela noite fez muito calor e o ar parecia denso e pesado quando a gente respirava, como se todo o oxigênio tivesse sido sugado dele. A casa ficou silenciosa: Daisy tinha saído em sua folga semanal, para tomar chá com sua amiga Edith, de modo que não havia nem o som de sua voz resmungando ou cantando (eu preferia os resmungos) enquanto lavava a louça. E havia muita louça, ainda empilhada em bandejas na copa, esperando para ser lavada. Eu tinha me oferecido para ajudar com as taças, mas Daisy disse que eu daria mais trabalho do que valia a pena, o que achei bastante injusto.

Mamãe tinha ido para cama no minuto em que o último carro desapareceu atrás das castanheiras. Pelo jeito, estava com uma de suas enxaquecas, o que Daisy dizia ser uma palavra chique para ressaca, que eu não sabia o que era. Fiquei no meu quarto, encolhida no banco junto à janela, acima do pórtico na frente da Admiral House. Dessa forma, se alguém estivesse para chegar, eu seria a primeira a ver. Papai me chamava de sua “pequena vigia”, e desde que Frederick, o mordomo, tinha ido lutar na guerra, geralmente era eu que abria a porta de entrada.

Dali eu tinha uma visão perfeita da estradinha esculpida entre filas de castanheiras e carvalhos antigos. Papai me contara que algumas daquelas árvores haviam sido plantadas quase trezentos anos antes, quando o primeiro almirante construiu a casa. (Eu achava essa ideia fascinante, porque significava que as árvores viviam na Terra quase cinco vezes mais do que as pessoas, se a *Enciclopédia Britânica* da biblioteca estivesse certa e a média da expectativa de vida humana fosse de 61 anos para os homens e 67 para as mulheres.) Se eu forçasse a vista, em um dia claro podia ver uma fina linha azul-acinzentada acima das copas e abaixo do céu. Era o mar do Norte, que ficava a apenas 8 quilômetros da Admiral House. Dava medo

pensar que em poucos dias papai poderia estar voando sobre ele em seu aviãozinho.

– Volte em segurança, volte logo – sussurrei para as nuvens escuras que se comprimiam sobre o sol poente, a ponto de esmagá-lo como uma laranja suculenta (fazia *muito* tempo que eu não sentia o gosto de uma).

O ar estava parado e não havia brisa entrando pela minha janela aberta. Ouvi o ribombar de um trovão a distância e esperei que Daisy tivesse se enganado e que Deus não estivesse com raiva da gente. Eu nunca conseguia definir se Ele era o Deus raivoso de Daisy ou o Deus gentil do vigário. Talvez Ele fosse como um pai ou uma mãe, e pudesse ser as duas coisas ao mesmo tempo.

Quando as primeiras gotas de chuva caíram, logo se transformando em uma torrente enquanto riscos da fúria de Deus relampejavam no céu, esperei que papai tivesse chegado em segurança à sua base, caso contrário poderia ficar bem encharcado. Ou pior, ser acertado por um raio. Fechei a janela porque o parapeito estava ficando molhado, então percebi que minha barriga roncava quase tão alto quanto os trovões. Por isso descí as escadas e encontrei o pão com geleia que Daisy tinha deixado para o meu jantar.

Ao descer a larga escadaria de carvalho para ver o sombrio pôr do sol, pensei em como a casa estava silenciosa, comparada com o dia anterior, como se um enxame de abelhas falantes tivesse chegado e partido com a mesma rapidez. Mais um trovão rugiu, quebrando o silêncio, e decidi que era sorte eu não sentir medo do escuro, de trovões e de ficar sozinha.

– Ai, Posy, sua casa dá medo – dissera Mabel quando eu a convidei para tomar chá. – Olha esse monte de pinturas de gente morta, com roupas fora de moda! Eles me dão arrepios.

Ela estremeceu apontando para os quadros dos ancestrais dos Andersons, que ladeavam a escada.

– Eu ia ter muito medo de sair do quarto para ir ao banheiro de noite. Pode ter fantasmas.

– Eles são meus parentes de antigamente, e com certeza iam ser muito simpáticos se voltassem para dizer oi – respondi, chateada porque ela não adorou a Admiral House imediatamente como eu.

Agora, andando pelo saguão e pelo corredor cheio de ecos que levava à cozinha, eu não sentia nem um pouco de medo, apesar de estar muito escuro e de que mamãe, provavelmente ainda dormindo em seu quarto, nunca me ouviria se eu gritasse.

Eu sabia que estava em segurança, que nada de ruim poderia acontecer dentro das paredes robustas da casa.

Estendi a mão para ligar a luz da cozinha, mas pelo jeito não estava funcionando, por isso acendi uma vela que ficava na prateleira. Eu era boa em acender velas, porque a eletricidade na Admiral House, especialmente depois do início da guerra, não era confiável. Eu adorava o brilho suave e tremeluzente que só iluminava a área onde a gente estava e parecia fazer com que até mesmo a pessoa mais feia ficasse bonita. Peguei o pão que Daisy havia cortado para mim – eu tinha permissão de acender velas, mas era proibida de tocar nas facas afiadas – e passei uma camada grossa de manteiga e de geleia. Depois, já com um pedaço na boca, peguei o prato e a vela e voltei ao meu quarto, para contemplar a tempestade.

Sentei-me no banco da janela mastigando o pão com geleia e pensando em como Daisy se preocupava comigo quando saía para sua noite de folga. Ainda mais quando papai estava fora.

– Não é certo uma menina pequena ficar sozinha numa casa tão grande – resmungava ela.

Eu explicava que não ficaria sozinha, porque mamãe também estava ali, e, além disso, não era mais “pequena”, já tinha 7 anos, era bem grande.

– Humpf! – grunhia ela, tirando o avental e pendurando-o no gancho atrás da porta da cozinha. – Não importa o que sua mãe diga: se precisar dela, vá acordá-la.

– Pode deixar – respondia sempre, mas claro que nunca fiz isso, nem quando uma vez vomitei no chão e minha barriga estava doendo de verdade.

Eu sabia que mamãe ia ficar chateada se eu a acordasse, porque ela precisava dormir. De qualquer modo, eu não me importava de ficar sozinha; desde que papai tinha ido para a guerra estava acostumada com isso. Além do mais, tinha toda a coleção da *Enciclopédia Britânica* na biblioteca para ler. Eu tinha terminado os dois primeiros volumes, mas faltavam outros 22, que provavelmente me ocupariam até eu me tornar adulta.

Naquela noite, sem eletricidade, estava escuro demais para ler e a vela era só um cotoco, por isso fiquei olhando o céu, tentando não pensar em papai indo embora, caso contrário as lágrimas começariam a cair tão depressa quanto as gotas de chuva que batiam na janela.

Enquanto observava o lado de fora, um súbito clarão vermelho atraiu meu olhar no canto superior da janela.

– Ah! É uma borboleta! Uma almirante-vermelho!

Fiquei de pé no banco e vi que a coitadinha estava tentando se abrigar da tempestade embaixo do caixilho da janela. Eu precisava salvá-la, por isso abri com muito cuidado o trinco do painel de cima e estendi a mão para fora. Apesar de ela estar imóvel, demorei um tempo para prendê-la entre o indicador e o polegar, porque não queria danificar as asas frágeis firmemente fechadas, muito molhadas e escorregadias.

– Peguei você – sussurrei enquanto recolhia a mão, agora totalmente molhada, e fechava a janela com a outra, seca. – Bom, pequenina – disse enquanto a estudava pousada na palma da minha mão. – Como é que vou secar suas asas?

Pensei em como elas secariam se estivessem lá fora, na natureza, porque deviam se molhar o tempo todo.

– Uma brisa quente – falei, e comecei a soprá-las suavemente.

A princípio a borboleta não se mexeu. Quando eu achava que ia desmaiar de tanto ficar soprando, vi as asas estremecendo e se abrindo. Eu nunca tivera uma borboleta pousada na mão, por isso inclinei a cabeça e examinei a linda cor e o padrão intrincado na parte superior das asas.

– Você é linda mesmo. Bom, você não pode voltar lá para fora esta noite senão vai se afogar, então vou deixar você aqui no parapeito, para que veja suas amigas lá fora, e solto você amanhã de manhã, está bem?

Com muito cuidado, peguei a borboleta com a ponta dos dedos e a pousei no parapeito. Fiquei olhando-a por um tempo, imaginando se borboletas dormiam com as asas abertas ou fechadas. Mas àquela altura meus próprios olhos estavam se fechando, por isso puxei as cortinas para que a criaturinha não ficasse tentada a voar pelo quarto e não se prendesse ao teto. Eu jamais conseguiria pegá-la de novo se isso acontecesse, e durante esse tempo ela poderia morrer de fome ou de medo.

Peguei a vela, atravessei o quarto e subi na cama, satisfeita porque tinha conseguido salvar uma vida e pensando que talvez isso fosse um bom preságio de que papai não ia se machucar de novo daquela vez.

– Boa noite, borboleta. Durma bem até de manhã – sussurrei, soprando a vela e caindo no sono.



Quando acordei, vi feixes de luz que atravessavam o teto, vindos das frestas das cortinas. Eram dourados, o que significava que o sol já havia nascido. Lembrei-me da borboleta, desci da cama e abri a cortina cuidadosamente.

– Ah!

Prendi a respiração ao ver minha borboleta de asas fechadas e caída de lado, com as patinhas para o alto. Como a parte de baixo das asas era majoritariamente marrom-escura, ela mais parecia uma mariposa grande morta. Lágrimas brotaram nos meus olhos quando a toquei, só para conferir, mas ela não se mexeu, por isso eu soube que sua alma já estava no céu. Talvez eu a tivesse matado quando não a libertei na noite anterior. Papai sempre dizia que era preciso soltá-las rapidamente. E, apesar de ela não ter sido posta em um pote de vidro, tinha estado dentro de casa. Ou talvez tivesse morrido de pneumonia ou bronquite, porque havia se encharcado.

Fiquei olhando para ela e simplesmente *soube* que aquele era um presságio muito ruim.

Outono de 1944

Eu gostava de quando o verão ia se desvanecendo no longo e inerte inverno. A névoa começava a pairar sobre as copas das árvores como enormes teias de aranha e o ar tinha um cheiro amadeirado e intenso de fermentação (eu tinha aprendido essa palavra havia pouco tempo, quando fui visitar a cervejaria local em um passeio da escola e vi o lúpulo sendo transformado em cerveja). Mamãe dizia que achava o clima inglês depressivo, que queria viver em algum lugar ensolarado e quente o ano todo. Pessoalmente, eu achava que isso seria muito chato. Era empolgante observar o ciclo da natureza, as mãos mágicas e invisíveis que transformavam as folhas verde-esmeralda das bétulas em uma cor de bronze luminosa. Ou talvez eu só levasse uma vida muito monótona.

E *tinha* ficado monótona desde a partida de papai. Não houve mais festas nem pessoas vindo nos visitar, a não ser o tio Ralph, que aparecia bastante, com flores e cigarros franceses para mamãe e, às vezes, chocolate para mim. Pelo menos a monotonia foi quebrada com a viagem que fazíamos todo agosto até a Cornualha, para visitar vovó. Em geral mamãe ia comigo e

papai se juntava a nós durante alguns dias se conseguisse uma licença. Mas naquele ano mamãe anunciou que eu tinha idade suficiente para ir sozinha.

– É você que ela quer ver, Posy, não eu. Ela me odeia, sempre odiou.

Eu tinha certeza de que não era verdade, já que ninguém conseguiria odiar mamãe, com sua beleza e sua linda voz, mas acabei indo sozinha, com Daisy mal-humorada me acompanhando na longa viagem de ida e volta.

Vovó morava perto de uma cidadezinha chamada Blisland, aninhada na fronteira oeste de Bodmin Moor. Apesar de sua casa ser bem grande e imponente, as paredes cinza e a mobília pesada e escura sempre me pareciam meio soturnas em comparação com os cômodos cheios de luz da Admiral House. Pelo menos era divertido explorar o lado de fora. Quando papai ia, nós caminhávamos até a charneca para pegar amostras das urzes e das lindas flores selvagens que cresciam no meio dos tojos.

Infelizmente, papai não estava lá daquela vez e choveu todos os dias, o que significava que eu não podia ir lá fora. Durante as tardes longas e úmidas, vovó me ensinou a jogar paciência e nós comemos um bocado de bolo, mas fiquei bem feliz quando veio a hora de partir. Quando chegamos em casa, Daisy e eu descemos da charrete que Benson, nosso jardineiro de meio período (que provavelmente tinha 100 anos de idade), às vezes usava para pegar as pessoas na estação de trem. Deixei Benson e Daisy levarem as malas para dentro e corri para a casa, procurando mamãe. Dava para ouvir “Blue Moon” tocando no gramofone da sala de estar. Encontrei mamãe e o tio Ralph dançando juntos.

– Posy! – exclamou ela, deixando os braços do tio Ralph e vindo me abraçar. – Não ouvimos você chegar.

– Deve ter sido por causa da música alta, mãe – respondi, pensando em como ela parecia bonita e feliz, com suas bochechas coradas e o belo cabelo comprido que tinha se soltado da presilha e cascadeava, dourado, pelas costas.

– Estávamos comemorando, Posy – disse o tio Ralph. – Chegaram mais notícias boas da França. Parece que os alemães vão se render e que finalmente a guerra vai acabar.

– Ah, que bom. Quer dizer que papai vai voltar logo para casa?

– É.

Houve uma pausa antes que mamãe me mandasse ir para o quarto lavar o rosto e trocar de roupa depois da longa viagem. Enquanto fazia isso, torci de verdade para que o tio Ralph estivesse certo e papai *voltasse* logo para

casa. Desde que os noticiários do rádio começaram a falar sobre o triunfo do Dia D, eu vivia esperando vê-lo. Isso já fazia três meses e ele ainda não tinha voltado, apesar de mamãe ter ido visitá-lo quando papai obteve uma curta licença, porque era mais fácil. Quando eu perguntei por que ele ainda não estava em casa, já que tínhamos quase vencido a guerra, ela deu de ombros.

– Ele está muito ocupado, Posy, e vai chegar quando chegar.

– Como você sabe que ele está bem? Ele escreveu?

– *Oui, chérie*, ele escreveu. Tenha paciência. As guerras demoram muito para acabar.



A escassez de comida estava pior do que nunca e só restavam duas galinhas, que não tiveram o pescoço torcido porque eram as melhores produtoras de ovos. Mas até elas pareciam meio fracas, apesar de eu conversar com as duas todo dia – Benson falava que galinhas felizes produziam mais ovos. Minha conversa não estava dando certo: nem Ethel nem Ruby haviam colocado um ovo em cinco dias.

– Cadê você, papai? – eu perguntava ao céu, pensando em como seria maravilhoso se de repente visse um Spitfire por entre as nuvens e papai surgisse, descendo para pousar no gramado amplo.

Novembro chegou e eu passava todas as tardes depois da escola procurando no mato baixo e encharcado alguns gravetos para o fogo que mamãe e eu acendíamos à noite na sala matinal, que era muito menor, mais fácil para aquecer do que a grande sala de estar.

– Posy, andei pensando no Natal – disse mamãe certa noite.

– Talvez até lá papai já esteja em casa, e a gente passe o Natal juntos.

– Não, ele não vai estar em casa. E eu fui convidada para comemorar em Londres com meus amigos. Claro, seria entediante para você ficar entre tantos adultos, por isso escrevi para a sua avó e ela está disposta a recebê-la.

– Mas eu...

– Posy, por favor, entenda que não podemos ficar aqui. A casa está gelada, não temos carvão para as lareiras...

– Mas nós temos lenha e...

– Não temos comida, Posy! Sua avó perdeu os empregados recentemente e está disposta a receber Daisy também, enquanto procura uma substituta.

Mordi o lábio, à beira das lágrimas.

– E se papai chegar e a gente não estiver aqui?

– Vou escrever para ele contando.

– Ele pode não receber a carta. Além disso, eu prefiro ficar aqui, com fome, a passar o Natal na casa da vovó! Eu a amo, mas ela é velha e a casa não é minha, e...

– Chega! Já decidi. Lembre, Posy, que nós temos que fazer o que for preciso para sobreviver aos últimos meses desta guerra brutal. Pelo menos você vai estar aquecida e em segurança, com a barriga cheia. Melhor do que muitas pessoas em todo o mundo, que estão passando fome ou mesmo mortas.

Eu nunca tinha visto mamãe com tanta raiva. Assim, apesar de haver uma torrente de lágrimas esperando para ser derramada, fazendo meus olhos arderem, engoli em seco e assenti.

– Está bem, mãe.

Depois disso, mamãe pareceu se animar, apesar de Daisy e eu ficarmos andando pela casa feito espectros pálidos condenados pelo resto da existência.

– Eu não iria se tivesse opção – resmungou Daisy, ajudando a preparar minha mala. – Mas a patroa disse que não tem dinheiro para me pagar, então o que posso fazer? Não dá para viver de brisa, não é?

– Tudo vai melhorar quando a guerra acabar e papai voltar para casa – falei, me consolando também.

– Bom, não tem como piorar. As coisas estão bem ruins aqui, isso é certo – disse Daisy em um tom sombrio. – Acho que ela está nos tirando do caminho para poder...

– Poder o quê?

– Deixe para lá, mocinha, mas quanto antes seu pai voltar para casa, melhor.



Enquanto a casa era fechada para o mês seguinte, Daisy trabalhou limpando cada centímetro.

– Por que você está limpando se ninguém vai estar aqui? – perguntei.

– Chega de perguntas, Srta. Posy. Em vez disso, me ajude.

Ela pegou uma pilha de lençóis, sacudindo-os para se abrirem como se fossem grandes velas brancas. Juntas, nós os colocamos sobre todos os

móveis dos 26 cômodos da casa, até parecer que uma enorme família de fantasmas tinha se mudado para lá.

Assim que começaram as férias escolares, peguei meus lápis de cor e o bloco de papel branco e desenhei o que pude encontrar no jardim. Era difícil porque tudo estava morto. Em um dia gelado de dezembro levei minha lente de aumento. Ainda não tinha nevado, mas uma geada brilhante cobria todos os arbustos de azevinho, e eu tirei as luvas para segurar a lente e ver direito os ramos. Papai tinha me dito exatamente onde procurar as pupas da borboleta-azul-celeste.

Enquanto fazia isso, vi a porta do Torreão se abrir e Daisy sair de lá com o rosto vermelho e os braços cheios de materiais de limpeza.

– Srta. Posy, o que está fazendo aqui fora sem as luvas? Calce-as, senão suas mãos vão congelar e seus dedos vão cair.

Ela foi em direção à casa e eu olhei para a porta do Torreão, que não tinha se fechado totalmente. Antes que pudesse pensar direito, entrei e a porta se fechou com um rangido.

Estava muito escuro, mas logo meus olhos se acostumaram e eu pude ver as formas dos tacos de críquete e de croquet que papai guardava ali, além do armário de armas, trancado, que ele me avisara para jamais abrir. Olhei para a escada que levava à sala de papai e fiquei imóvel, em uma indecisão agonizante. Se Daisy tinha deixado a porta de baixo destrancada, talvez a da sala particular de papai estivesse aberta também. Eu queria tanto olhar lá dentro...

Por fim, a curiosidade venceu e eu subi rapidamente a escada em caracol, antes que Daisy voltasse. Quando cheguei lá, pus a mão na maçaneta da grande porta de carvalho e girei. Realmente Daisy não a havia trancado, porque ela se abriu, e em um passo eu estava no escritório secreto de papai.

O lugar cheirava a cera de assoalho e a luz clareava as paredes circulares ao redor das janelas que Daisy tinha acabado de limpar. Na parede logo à minha frente estava pendurada o que devia ser toda uma família de borboletas almirante-vermelho. Estavam arrumadas em fileiras de quatro, atrás de um vidro com moldura dourada.

Quando me aproximei, fiquei confusa pensando em como as borboletas podiam ficar tão imóveis e o que elas teriam encontrado para comer dentro da prisão de vidro.

Então vi a cabeça dos alfinetes que as prendiam à placa. Olhei para as outras paredes e vi que também estavam cobertas com as borboletas que tínhamos capturado ao longo dos anos.

Com um gemido de horror eu me virei, desci correndo a escada e saí no jardim. Ao ver Daisy vindo da casa, dei meia-volta e corri por trás do Torreão, em direção à floresta que o cercava. Quando já estava bem longe, me deixei cair sentada nas raízes de um grande carvalho, ofegante.

– Elas estão mortas! Elas estão mortas! Elas estão mortas! Como ele pôde mentir para mim? – gritei entre soluços.

Fiquei muito tempo na floresta, até que ouvi Daisy me chamar. Só queria poder perguntar a papai por que ele tinha matado aquelas borboletas tão lindas e depois pendurado todas como troféus, para poder olhá-las e vê-las mortas nas paredes.

Bom, eu não podia perguntar porque ele não estava ali, mas precisava confiar que havia um motivo muito bom para aqueles assassinatos no nosso reino das borboletas.

Enquanto me levantava e voltava lentamente para casa, não consegui pensar em nenhum motivo. Só sabia que nunca mais queria pôr os pés no Torreão.

Admiral House

Setembro de 2006



Buddleia
(Buddleja davidii)

Posy estava na horta, colhendo algumas cenouras, quando ouviu o celular tocando nas profundezas do casaco. Tirou-o do bolso e atendeu.

– Oi, mãe. Não acordei você, acordei?

– Meu Deus, não. E, mesmo que tivesse, é ótimo falar com você. Como está, Nick?

– Estou bem, mãe.

– E como está Perth? – perguntou Posy, levantando-se e atravessando a horta para entrar na cozinha.

– Começando a esquentar, enquanto a Inglaterra começa a esfriar. E você?

– Estou bem. As coisas não mudam muito por aqui, você sabe.

– Escute, estou ligando para dizer que vou voltar para a Inglaterra no fim do mês.

– Ah, Nick! Que maravilha! Depois de todos esses anos...

– Dez. Já estava na hora de voltar para casa, não acha?

– Acho, sim. Estou felicíssima, querido. Você sabe como sinto sua falta.

– E eu sinto a sua, mãe.

– Quanto tempo vai ficar? Será que daria para ser o convidado de honra na minha festa de 70 anos, em junho? – Posy sorriu.

– Depende do andamento das coisas, mas, mesmo que eu decida voltar para cá, com certeza vou à sua festa, claro.

– Então devo buscar você no aeroporto?

– Não, não se preocupe com isso. Vou ficar uns dias em Londres com meus amigos Paul e Jane. Tenho uns negócios para resolver, mas ligo assim que tiver mais certeza dos planos e vou de carro à Admiral House para ver você.

– Mal posso esperar, querido.

– Eu também, mãe. Já faz muito tempo. Preciso desligar, mas nos falamos em breve.

– Ótimo. Ah, Nick... Nem acredito que você está indo para casa.

Nick percebeu o tom embargado.

– Eu também não. Amo muito você, e vou ligar assim que tiver organizado as coisas. Tchau por enquanto.

– Tchau, querido.

Posy afundou na antiga poltrona de couro ao lado do fogão, trêmula de emoção.

De seus dois filhos, era da infância de Nick que tinha as lembranças mais vívidas. Talvez porque ele nascera tão pouco tempo depois da morte trágica do pai, Posy sentia que Nick era completamente dela.

O nascimento prematuro – talvez apressado pelo choque de perder tão tragicamente Jonny, seu marido por treze anos – fez com que Posy tivesse pouco tempo para ficar de luto. Tinha que cuidar de Sam, então com 3 anos, além do recém-nascido Nick.

Houvera muita coisa para resolver, um monte de decisões difíceis para tomar num momento tão ruim. Todos os planos que ela e Jonny tinham feito para o futuro precisaram ser protelados. Com dois filhos pequenos para criar sozinha – filhos que precisariam mais do que nunca do amor e da atenção da mãe –, Posy percebeu que seria impossível tentar administrar a Admiral House como o negócio que eles haviam planejado.

Aquele fora o pior momento possível para perder o marido, pensou Posy. Depois de doze anos servindo em várias partes do globo, Jonny tinha decidido deixar o Exército e realizar o grande sonho da esposa: voltar à Admiral House e dar aos filhos – e ao casal – um lar de verdade.

Posy pôs a chaleira para ferver, pensando em como estava calor naquele verão de 34 anos antes em que Jonny os levou de carro pelos campos dourados de Suffolk em direção à casa. Ela estava no começo da gravidez de Nick; a ansiedade misturada com o enjoo matinal os fez parar duas vezes. Ao passarem pelos antigos portões de ferro fundido, Posy prendeu a respiração.

Quando a Admiral House surgiu, uma torrente de lembranças a inundou. A casa era exatamente como ela recordava, talvez um pouco mais velha e cansada, assim como ela. Jonny abriu a porta do carro e a ajudou a sair e Sam correu ao seu lado, segurando sua mão com força enquanto subiam os degraus que levavam à enorme porta da frente.

– Quer abrir? – perguntou ela, pondo a chave pesada na palma da mãozinha do filho.

Sam assentiu e ela o levantou para que ele enfiasse a chave na fechadura.

Juntos, empurraram a porta pesada e o sol riscou um caminho pela casa escura, de janelas fechadas. De memória, Posy encontrou o interruptor. De repente o saguão foi inundado com luz elétrica e todos ergueram os olhos para o magnífico lustre que pendia 6 metros acima.

Lençóis brancos cobriam os móveis e a poeira havia se assentado em uma camada grossa no chão, subindo em redemoinhos enquanto Sam corria pela magnífica escada suspensa. Lágrimas brotaram nos olhos de Posy e ela os fechou com força, tomada pelas visões e pelos cheiros de sua infância. Mamãe, Daisy, papai... Quando os abriu, viu Sam acenando do topo da escada e se juntou a ele lá em cima, para verem o restante da casa.

Jonny também a adorou, mas com reservas óbvias quanto à manutenção.

– É enorme, querida – disse ele quando se sentaram na cozinha, onde Posy se recordava tão nitidamente de Daisy sovando a massa na velha mesa de carvalho. – E obviamente precisa de reforma.

– Bom, ninguém mora aqui há mais de um quarto de século – respondeu ela.

Assim que se estabeleceram, os dois conversaram sobre como a Admiral House poderia fornecer a renda bastante necessária para complementar a pensão que Jonny recebia do Exército. Concordaram que podiam começar a reformar a casa e um dia abri-la para receber inquilinos.

Ironicamente, após todos aqueles anos no serviço militar, Jonny morreu apenas alguns meses depois da mudança, nos dentes de metal de uma colheitadeira que o abalroou de frente enquanto ele fazia uma curva fechada a apenas 3 quilômetros da Admiral House.

Jonny lhe deixou uma pensão e duas apólices de seguro de vida. Além disso, Posy tinha herdado a propriedade da avó, que morrera dois anos antes, e investiu o dinheiro da venda da casa. Também recebeu uma pequena herança da mãe, que morrera de pneumonia aos 55 anos (fato que Posy ainda achava estranho, já que ela passara muitos anos na Itália).

Tinha pensado em vender a Admiral House, mas, como disse o corretor de imóveis que ela chamou para avaliar, poucas pessoas iriam querer uma casa daquele tamanho. Mesmo que encontrasse um comprador, o preço estaria muito abaixo do valor da propriedade.

Além do mais, Posy adorava a casa – tinha acabado de voltar, depois de tantos anos –, e com a perda de Jonny ela precisava daquele local familiar e reconfortante que fora seu lar da infância.

Assim, ela deduziu que, se fosse frugal com os gastos e se preparasse para usar as economias e os investimentos, os três poderiam se virar.

Nos dias sombrios e solitários daqueles primeiros meses sem Jonny, a natureza solar e relaxada de Nick foi um consolo sem fim. E enquanto via seu bebê crescer e virar uma criança feliz e contente, aprendendo a andar na horta junto da cozinha, sentia esperança no futuro.

Claro, para Nick foi mais fácil; ele não podia sentir falta do que não havia conhecido. Mas Sam tinha idade suficiente para compreender o vento gelado da morte que soprou em sua vida.

– Quando papai vai voltar?

Posy se lembrava do menino repetindo a pergunta toda noite por semanas depois da morte do pai. Seu coração de mãe se partia ao ver a confusão nos grandes olhos azuis do garoto, tão parecidos com os de Jonny. Ela reunia forças para contar que o papai não voltaria nunca mais, que ele tinha ido para o Céu, que os olhava lá de cima. E finalmente Sam parou de perguntar.

Posy ficou parada, ouvindo o chiado da água que começava a ferver. Misturou o café instantâneo com o leite no fundo da xícara e depois derramou água quente.

Segurando a xícara com as duas mãos, foi até a janela e olhou para o antigo castanheiro-da-índia que estoicamente dera a gerações de crianças uma produção enorme de castanhas para usarem em suas brincadeiras. Já podia ver as cascas verdes e espinhentas formadas, anunciando o fim do verão e o começo do outono.

Pensar nas castanhas a fez se lembrar do início do ano letivo – um momento que temia quando seus meninos eram mais novos, já que significava comprar novos uniformes, costurar as etiquetas com os nomes e trazer os baús do porão. Depois o silêncio pavoroso quando eles partiam.

Posy pensara muito antes de mandar seus filhos amados para um internato. Ainda que gerações da família de Jonny e da dela tivessem sido enviadas para estudar longe, era final dos anos 1970 e os tempos haviam mudado. Mas ela sabia que sua própria experiência lhe dera não somente uma formação, mas também independência e disciplina. Jonny ia querer

isso para os filhos: frequentemente falava em mandá-los para a mesma escola em que tinha estudado. Então Posy retirou um pouco dos investimentos – reconfortada com a ideia de que sua avó também aprovaria – e os mandou para Norfolk; não tão longe que nunca pudesse ir vê-los jogar rúgbi ou atuar em uma peça da escola, mas o suficiente para não ficar tentada a buscá-los quando um ou outro estivesse com saudade de casa.

Sam era o que telefonava com mais frequência: teve dificuldade para se adaptar e parecia sempre se desentender com alguém. Quando Nick seguiu o irmão, três anos mais tarde, ela raramente recebia notícias do caçula.

Nos primeiros anos de viuvez, com as duas crianças pequenas, Posy ansiava por ter um tempo só dela, mas, quando os filhos foram para a escola e ela finalmente teve esse tempo, a brisa fria da solidão soprou entre as paredes úmidas e se alojou em seu coração.

Pela primeira vez na vida, Posy acordava de manhã e tinha dificuldade de encontrar um motivo para sair da cama. Percebeu que era porque o cerne de sua vida lhe fora arrancado e todo o resto era só distração superficial. Mandar os filhos para longe foi como sofrer o luto outra vez.

E foi uma lição para ela – até aquela altura da vida, jamais havia entendido a depressão e a considerava um sinal de fraqueza, mas no mês pavoroso que se seguiu após Nick ir para a escola, ela se sentiu culpada por ter pensado que conseguiria sair dessa facilmente. Percebeu que precisava de um projeto para afastar a saudade que sentia dos meninos.

Em certa manhã de outono, estava no gabinete de seu pai e encontrou na gaveta da mesa plantas de um antigo projeto para o jardim. Parecia que ele planejava transformar o enorme terreno em uma coisa espetacular. Como ficara protegida da luz, a tinta ainda era nítida no pergaminho, as linhas e proporções do parque desenhadas no estilo meticuloso do pai. Dava para ver que ao lado do Torreão ele havia marcado um espaço para um jardim de borboletas, citando plantas perenes ricas em néctar que, ela sabia, formariam um tumulto de cores ao florescer. Um caminho ladeado de glícínias levava a um pomar cheio de todas as suas frutas prediletas: peras, maçãs, ameixas e até figos.

Ao lado da horta, ele planejava uma grande estufa e um jardim murado, menor, com a anotação “passeio de salgueiros para Posy brincar”. Havia extravagantes caminhos esboçados para conectar as diferentes partes, e Posy riu ao ver o plano para um lagunho perto do gramado de croquet (“para

esfriar os ânimos”). Também havia um jardim de rosas com a indicação “para Adriana”.

Assim, naquela tarde ela saiu com barbante e varas de salgueiro e começou a demarcar alguns dos limites que ele havia planejado, que seriam preenchidos com jacintos-uvras, aliáceas e crocos, plantas que não demandavam muita atenção e eram perfeitas para atrair as abelhas que acordavam do retiro de inverno.

Alguns dias depois, com as mãos enfiadas na terra macia, Posy se lembrava de ter sorrido pela primeira vez em semanas. O cheiro de adubo, a sensação suave do sol na cabeça e o plantio de bulbos que trariam uma cor necessária na primavera a fizeram se lembrar do tempo passado em Kew.

Aquele dia foi o início de uma paixão que já durava 25 anos. Ela dividiu a enorme área em seções, e a cada primavera e outono trabalhava em uma parte nova, acrescentando seus projetos aos do pai, entre eles sua *pièce de résistance* particular: um ambicioso jardim formal junto ao terraço, composto por intrincadas curvas de sebes envolvendo canteiros de lavanda e rosas perfumadas. A manutenção era difícil, mas a visão que ele proporcionava da sala de recepção e dos quartos era sublime.

Resumindo: o jardim havia se tornado seu dono, seu amigo e seu amante, deixando pouco tempo para qualquer outra coisa.

– Mãe, está incrível – dizia Nick quando chegava para as férias de verão e ela mostrava o que estava fazendo.

– É, mas o que tem para jantar? – perguntava Sam, chutando uma bola pelo terraço.

Posy se lembrava de que ele havia quebrado as janelas da estufa três vezes, quando garoto.

Enquanto reunia os ingredientes para preparar um bolo que levaria para os netos mais tarde, Posy sentiu a familiar pontada de culpa que tinha quando pensava no filho mais velho.

Apesar de amar Sam intensamente, sempre o havia considerado mais difícil do que Nick. Talvez fosse apenas porque ela e o caçula tinham muito em comum. O amor dele por “coisas velhas”, como dizia Sam ao observar o irmão mais novo restaurar meticulosamente um antigo baú estragado por carunchos. Enquanto Sam era todo ação – distraía-se facilmente e tinha um temperamento irritadiço –, Nick era muito mais calmo. Tinha um olhar para a beleza que Posy gostava de pensar que havia herdado dela.

A terrível verdade, pensou enquanto acrescentava os ovos à massa do bolo, era que se podia amar os filhos, mas isso não significava gostar deles do mesmo modo.

O que mais a incomodava era o fato de os dois não serem unidos. Posy se lembrava de Nick cambaleando pelo jardim atrás do irmão mais velho, quando eram pequenos. Era óbvio que ele adorava Sam, mas com o passar dos anos Posy notou que Nick começou a evitá-lo durante as férias, preferindo passar o tempo com ela na cozinha ou restaurando móveis no celeiro.

Eram totalmente opostos, claro: Sam, muito confiante e Nick, introspectivo. Como um fio de seda tecido ao longo das décadas desde a infância, a vida dos dois estava conectada, embora os tivesse levado em direções contrárias.

Depois de sair da escola, Sam foi reprovado na universidade e se mudou para Londres. Tentou trabalhar com computadores, ser chef de cozinha e corretor de imóveis. Todos esses esforços pareciam derreter como neve depois de alguns meses. Voltara a Southwold dez anos antes, se casara e – após fracassar em outros empreendimentos – agora tentava montar a própria construtora.

Posy sempre o encorajava como podia quando ele a procurava com um novo esquema para ganhar dinheiro. Mas recentemente tinha feito um pacto consigo mesma de que não faria mais empréstimos, por mais que Sam implorasse. Além disso, com a maioria de seus investimentos sendo devorada pelo amado jardim, restava a ela pouco para dar. Um ano antes, vendera uma de suas preciosas estatuetas Staffordshire para financiar o plano “infalível” de Sam de fazer filmes divulgando empresas locais. O rendimento da venda da estatueta se perdeu para sempre quando a empresa faliu depois de apenas nove meses.

A dificuldade de dizer não ao filho era ainda maior porque ele arranjava um anjo de esposa. Amy era um doce de pessoa, que até conseguira sorrir quando, pela enésima vez, Sam anunciou que precisavam se mudar da casa alugada para outra menor, por causa da falta de dinheiro.

Amy dera a Sam dois filhos saudáveis – Jake, de 6 anos, e Sara, de 4 – e mantinha um emprego de recepcionista em um hotel da região, fornecendo um fluxo de caixa pequeno, mas muito necessário ao lar, além de apoiar estoicamente o marido – o que, na opinião de Posy, fazia de Amy uma santa.

Quanto a Nick, o coração de Posy se enchia de felicidade porque seu filho finalmente retornaria à Inglaterra. Depois de terminar a escola, ele havia ignorado as ofertas de algumas universidades excelentes e anunciado que desejava entrar no ramo de antiguidades. Estagiou com um leiloeiro da região e conseguiu uma vaga de aprendiz em um antiquário em Lavenham, e fazia a viagem partindo da Admiral House todos os dias.

Aos 21 anos Nick já tinha aberto a própria loja em Southwold e logo começou a ganhar reputação por seu estoque de antiguidades interessantes e raras. Posy não podia ter ficado mais feliz, vendo que o filho escolhera fazer carreira na região. Dois anos depois, ele alugou o imóvel ao lado para expandir o espaço de seu próspero negócio. Quando ele viajava para fazer compras, Posy deixava seu amado jardim e passava o dia na loja atendendo os clientes.

Alguns meses depois, Nick anunciou que havia contratado uma assistente para cuidar da loja quando estivesse nos leilões. Evie Newman não tinha uma beleza convencional; era pequena e suas feições élficas lhe davam um ar de criança e não de mulher, mas seus enormes olhos castanhos eram assombrosamente lindos. Quando Nick a apresentou a Posy, ela notou o filho observando cada movimento de Evie e soube, sem dúvida, que ele estava apaixonado.

Mas não havia nada que Nick pudesse fazer a respeito. Evie tinha um namorado de longa data e parecia adorá-lo. Posy conhecera Brian certa vez e se surpreendeu por Evie achar atraente aquele pseudointelectual com cara de fuinha. Divorciado, professor de sociologia na universidade comunitária da cidade, Brian era uns quinze anos mais velho do que Evie e tinha opiniões fortes que gostava de emitir sempre que possível. Posy sentiu uma antipatia imediata por ele.

Enquanto Nick passava cada vez mais tempo viajando, Posy ensinou a Evie como cuidar da loja. Apesar da diferença de idade, elas se tornaram ótimas amigas. Evie tinha perdido os pais muito jovem e morava com a avó em uma grande casa vitoriana em Southwold. Como nunca tivera uma filha, Posy adorava o carinho que sentia por ela.

Às vezes Evie viajava com Nick, e Posy segurava as pontas na loja. Adorava ver os olhos brilhantes da moça quando retornava das compras, gesticulando expressivamente ao descrever uma cômoda elegante que tinham adquirido por quase nada em uma venda em um castelo magnífico no sul da França.

Apesar de ter prometido a si mesma que não ficaria dependente da presença de Nick, foi devastador o choque que sentiu quando, após anos vivendo felizes na Admiral House, ele disse que ia vender a loja e se mudar para a Austrália. E piorou quando Evie anunciou que Brian tinha conseguido um bom emprego em uma universidade em Leicester. Pelo visto, ele a havia pedido em casamento e ela aceitara. Partiriam em breve de Southwold.

Posy tinha tentado descobrir por que exatamente o filho sentia necessidade de fechar o negócio bem-sucedido que trabalhara tanto para criar e se mudar para o outro lado do mundo, mas Nick não se abriu. Ela suspeitou que tivesse algo a ver com Evie, e como a moça ia se mudar também, alguma coisa não encaixava direito.

A empresa foi vendida quase imediatamente. Então Nick viajou para Perth, levando antiguidades para começar a vida em seu novo empreendimento na face oposta do planeta. Posy não deu a menor pista de como se sentiria perdida sem ele.

O fato de Evie não ter ido se despedir antes de deixar Southwold a magoou, mas Posy aceitou que era uma mulher mais velha na vida de uma pessoa jovem. Ela amava Evie, mas isso não significava que o sentimento devesse ser recíproco.

À medida que o inverno se aproximava, Posy sentiu o frio familiar da solidão. Devido à época do ano, seu amado jardim estava adormecido e havia pouca coisa que pudesse fazer até a primavera. Sem esse consolo ao qual se agarrar, soube que precisava urgentemente preencher o vazio. Assim, partiu para Southwold e conseguiu um emprego de meio expediente. Trabalhava em uma galeria de arte três manhãs por semana. Embora não adorasse pinturas modernas, o emprego lhe rendia alguns trocados e a mantinha ocupada. Jamais admitiu ao dono sua verdadeira idade, e dez anos depois ainda trabalhava lá.

– Quase 70 anos – murmurou Posy enquanto colocava a massa do bolo no forno e ajustava o temporizador.

Enquanto deixava a cozinha rumo à escada principal, pensou em como ser mãe era uma tarefa hercúlea. Independentemente da idade dos filhos, jamais havia deixado de se preocupar com eles. Na verdade, se preocupava mais ainda; pelo menos quando eram pequenos ela sabia exatamente onde e como estavam. Ficavam sob seu controle. E, claro, quando cresceram e voaram para longe do ninho, não foi mais assim.

Suas pernas doeram ligeiramente enquanto subia a escada, lembrando-lhe de todas as coisas em que não queria pensar. Apesar de estar em uma idade que lhe dava o direito de reclamar da saúde, sabia de sua sorte por estar em tão boa forma.

– Mas quanto tempo isso vai durar? – indagou a um ancestral cujo retrato pendia junto ao patamar.

Ela entrou no quarto, foi até a janela e abriu as pesadas cortinas. Nunca tivera dinheiro para substituí-las, e a estampa original do tecido havia se desbotado até ficar irreconhecível.

Dali tinha a melhor visão do jardim que criara. Mesmo no início do outono, enquanto a natureza se preparava para dormir, os raios oblíquos do sol da tarde acariciavam as folhas das árvores que amadureciam lentamente até um tom dourado, e as últimas rosas pendiam, pesadas de perfume. Grandes abóboras se acomodavam na horta e as árvores do pomar estavam carregadas de maçãs vermelhas. E o jardim formal logo abaixo de sua janela estava simplesmente esplêndido.

Posy deu as costas para a beleza lá fora e olhou para o quarto enorme, onde gerações de Andersons haviam dormido. Seu olhar deslizou pelo elaborado papel de parede em estilo chinês, que agora se descolava ligeiramente nos cantos e estava manchado de umidade, pelo tapete puído, irrecuperável depois de tantos líquidos derramados, e pela mobília de mogno desbotada.

– E esse é só um cômodo; há outros 25 que precisam de uma reforma completa, sem falar da estrutura da casa – murmurou.

Enquanto se despia, Posy pensou que no correr dos anos tinha feito o mínimo possível pela casa, em parte por causa do dinheiro, mas principalmente porque, como a um filho predileto, tinha dedicado toda a atenção ao jardim. E, como qualquer filho negligenciado, a casa fora sucumbindo sem ser notada.

– Meu tempo aqui já está acabando.

Ela suspirou e admitiu que aquela casa antiga e linda começava a parecer um arreio em seu pescoço. Mesmo em boa forma para uma mulher de 69 anos, por quanto tempo continuaria assim? Além do mais, sabia que a própria casa chegaria a um ponto sem volta se não recebesse logo uma senhora reforma.

A ideia de jogar a toalha e se mudar para algum lugar mais administrável a deixava consternada, mas Posy sabia que precisava ser prática. Não tinha

mencionado aos filhos a ideia de vender a Admiral House, mas talvez devesse, agora que Nick estava voltando.

Posy observou sua imagem nua refletida no espelho cheval. O cabelo grisalho, as rugas em volta dos olhos e a pele mais flácida agora a deprimiam, e ela desviou a vista. Era mais fácil não olhar, porque por dentro ainda era uma mulher cheia de juventude, a mesma Posy que havia dançado, gargalhado e amado.

– Nossa, sinto falta de sexo! – anunciou à cômoda enquanto procurava a roupa de baixo.

Passara um tempo terrivelmente longo, 34 anos, sem sentir o toque de um homem, a pele dele encostada na dela, as carícias em seu corpo enquanto ele ia e vinha dentro dela...

Depois da morte de Jonny, alguns homens surgiram em sua vida e demonstraram interesse, especialmente nos primeiros anos. No entanto, talvez porque sua atenção estivesse voltada para os meninos, e mais tarde para o jardim, depois de algumas “saídas”, como seus filhos diziam, Posy nunca se entusiasmara o suficiente para manter um relacionamento.

– E agora é tarde – disse ao próprio reflexo enquanto se sentava diante da penteadeira e passava o creme barato no rosto, a única rotina de beleza que cumpria regularmente. – Não seja gananciosa, Posy: ter dois amores na vida é mais do que a maioria das pessoas consegue.

Ao se levantar, afastou da cabeça tanto os pensamentos sombrios quanto os fantasiosos e se concentrou na ideia muito mais positiva da volta do filho da Austrália. No andar de baixo, tirou o bolo do forno, desenformou-o e o deixou esfriando. Depois saiu pela porta da cozinha para o pátio dos fundos. Destrancou o velho Volvo e seguiu a estradinha, virando à direita no caminho que a levaria em dez minutos a Southwold.

Posy dirigiu até a beira-mar e, apesar do vento frio de setembro, baixou a janela para respirar a maresia misturada ao eterno cheiro de donuts e batata frita com peixe empanado vindo da loja perto do píer estendido sobre o mar do Norte, que estava cinzento como aço sob o céu azul e nevoento. Elegantes casas brancas geminadas se enfileiravam na rua, com as fachadas das lojas embaixo cheias de bugigangas de praia. Gaivotas patrulhavam a calçada em busca de restos de comida.

A cidade praticamente não mudara desde sua infância, mas infelizmente a elegância antiquada tinha inspirado hordas de famílias de classe média a

investir em casas de veraneio. Isso havia elevado o preço das propriedades a níveis obscenos e, ainda que isso fosse bom para a economia local, sem dúvida tinha alterado a dinâmica da comunidade que já fora muito unida. Os veranistas vinham em bandos para Southwold nas férias, transformando o trânsito em um pesadelo, então iam embora no fim de agosto como uma revoada de abutres depois de se refestelar com uma carcaça.

Agora, em setembro, a cidade parecia morta e deserta, como se toda a energia tivesse sido sugada pelas hordas de veranistas. Enquanto estacionava na High Street, Posy viu um cartaz de “liquidação” na boutique, e a livraria não tinha mais as mesas de cavaletes oferecendo livros usados do lado de fora.

Caminhou rapidamente pela rua, cumprimentando os conhecidos pelos quais passava. Pelo menos o sentimento de fazer parte da comunidade lhe dava prazer. Parando no jornaleiro, pegou seu exemplar diário do *Telegraph*.

Ao sair da loja, com o nariz enterrado nas manchetes, trombou com uma menina.

– Perdão – desculpou-se, baixando o olhar para a garota de olhos castanhos à sua frente.

– Tudo bem. – A garota deu de ombros.

– Meu Deus – disse Posy, após um momento. – Desculpe por eu encará-la, mas é que você se parece demais com uma pessoa que eu conhecia.

– Ah.

A menina se remexeu, desconfortável. Posy deu um passo para o lado para que ela pudesse entrar na loja.

– Tchau, então – disse a menina.

– Tchau.

Posy se virou e subiu a rua, indo para a galeria, então viu uma figura conhecida correndo em sua direção.

– Evie? É você, não é?

A mulher parou bruscamente, o rosto pálido enrubescendo, sem graça.

– Sou eu. Oi, Posy – disse ela baixinho.

– Como vai, querida? E o que está fazendo em Southwold? Visitando velhos amigos?

– Não. – Evie baixou os olhos. – Nós nos mudamos para cá há algumas semanas. Eu... Agora moramos aqui.

– É mesmo?

– É.

– Ah, entendi.

Posy observou-a enquanto Evie evitava encará-la. Ela estava muito mais magra do que antigamente e seu lindo cabelo escuro tinha sido cortado curto.

– Acho que vi sua filha agora mesmo, do lado de fora do jornaleiro. É muito parecida com você. Vocês três voltaram de vez?

– Nós duas, sim – respondeu Evie. – Desculpe, Posy, mas estou com muita pressa.

– Claro. Eu trabalho na Galeria Mason, três lojas depois do Swan. Quando tiver um tempinho para almoçar, eu adoraria ver você. E sua filha, como é mesmo que ela se chama...?

– Clemmie. O nome dela é Clemmie.

– Apelido de Clementine, imagino, igual à esposa de Winston Churchill.

– É.

– É um lindo nome. Bom, adeus, Evie, e bem-vinda de volta.

– Obrigada. Tchau.

Evie seguiu na direção do jornaleiro, procurando a filha, e Posy caminhou os últimos metros até a galeria. Sentindo-se um tanto magoada com o desconforto óbvio de Evie e imaginando o que teria feito para merecer uma reação tão negativa, Posy tirou da bolsa as chaves da loja.

Enquanto destrancava a porta da frente, entrava e estendia a mão para o interruptor, pensou no que Evie deixara a entender: Brian, seu antigo companheiro, não fazia mais parte da vida dela. Posy queria saber mais, porém achou improvável que conseguisse. Pela reação de Evie, talvez ela atravessasse a rua para evitá-la na próxima vez que se vissem.

No entanto, a única coisa que tinha aprendido em quase setenta anos na terra era que os seres humanos eram esquisitos e a surpreendiam constantemente. *Evie tem seus motivos*, pensou enquanto ia para o escritório nos fundos da galeria e punha a chaleira no fogo para sua segunda xícara habitual de café.

Só queria saber quais eram.

2

– Por favor, Jake, vá procurar seus sapatos. Agora!

– Mas, mãe, eu não terminei de comer meu cereal e...

– Não quero saber! A gente vai se atrasar. Anda!

Enquanto Jake saía da cozinha, Amy Montague limpou a boca de Sara, suja de cereal, e se ajoelhou para calçar os sapatos da filha de 4 anos. Os bicos estavam gastos e os pezinhos mal cabiam. O nariz de Sara estava escorrendo, o cabelo, ainda emaranhado, e a calça herdada de Jake terminava no meio das canelas.

– Você parece uma criança de rua. – Amy suspirou, pegou uma escova no meio das coisas entulhadas em cima do aparador e tentou passá-la pelos cachos louros de Sara.

– Ai, mamãe! – gritou Sara, com razão.

– Desculpe, querida, mas a Srta. Ewing vai ficar imaginando que tipo de mãe eu sou se mandar você para a escola desse jeito.

– Eu vou para a escola? – Sara fez uma expressão infeliz. – Eu odeio a escola, mamãe.

– Ah, querida, sua professora disse que você está se adaptando muito bem, e depois Josie vai levar você e Jake para a casa dela. Mamãe vai pegar vocês dois lá quando sair do trabalho.

– Mas eu não gosto da escola e não gosto da Josie. Quero ficar com você, mamãe. – O rosto da menininha se contraiu e ela começou a chorar.

– Sara querida, você *gosta* da escola e gosta da Josie. E vovó vai trazer bolo de chocolate para o lanche da tarde, está bem?

– Está bem. – Sara assentiu, apaziguada.

– Jake?! Estamos saindo! – gritou Amy, puxando Sara para o corredor.

Vestiu o casaco da filha e o próprio, depois procurou as chaves na bolsa.

Jake desceu a escada correndo com os sapatos nas mãos.

– Calce os sapatos, Jake.

– Quero que você me calce, mãe. Papai ainda está dormindo?

– Está. – Amy se ajoelhou e enfiou os sapatos nos pés do filho. – Certo.

Vamos.

– Quero dar tchau para ele – choramingou Jake enquanto Amy pegava a mão de Sara e abria a porta.

– Não pode.

– Por quê?

– Ele está cansado. Agora vamos indo!

Depois de deixar as crianças na escola, Amy foi até a oficina para deixar o carro, que não passara na vistoria. Correndo de volta para casa, percebeu que tinha apenas uma hora antes de sair para o trabalho: uma hora para arrumar a cozinha, lavar a roupa e fazer uma lista de compras. Realmente não sabia como ia se virar sem carro; a vida já difícil ia se tornar quase impossível. Além disso, não fazia ideia de como pagariam o conserto, mas precisavam arranjar o dinheiro. Simples assim.

Amy virou na entrada da casinha miserável que tinha se tornado seu lar seis semanas antes. Situada em uma rua nos arredores da cidade e tendo apenas o pântano entre ela e o mar, era pouco maior do que uma cabana de praia e absolutamente charmosa quando o sol brilhava. Na verdade, fora construída para veraneio, e Amy sabia que as finas paredes de tábuas e as enormes janelas dariam pouquíssima proteção contra o inverno que se aproximava. Não tinha um sistema de aquecimento decente, a não ser uma lareira temperamental na sala que, quando ela testou, na noite anterior, produziu mais fumaça do que calor. A casa tinha apenas dois quartos úmidos no andar de cima, tão apertados que a maior parte das posses da família estava guardada em caixas no barracão do quintal nos fundos.

Mesmo sabendo que o orgulho de Sam recebera um baque terrível quando a falta de dinheiro os obrigou a sair da casa anterior, e não querendo chateá-lo ainda mais dizendo como odiava a casa atual, Amy estava achando difícil manter a atitude positiva de sempre. Sabia que o marido se esforçava muito para sustentar todos eles, mas parecia ter um azar interminável, com seus empreendimentos sempre indo à falência. Como podia reclamar que Sara precisava de sapatos novos, que o casaco de Jake estava pequeno demais

ou que ela estava exausta tentando cuidar da casa e pôr comida na mesa com o pouco dinheiro que recebia como recepcionista de hotel?

Sam estava na cozinha, só de cueca, bocejando enquanto punha a chaleira no fogo.

– Oi, querida. Desculpe ter chegado tão tarde ontem. Ken e eu tínhamos um monte de coisas para resolver.

– A reunião foi boa?

Amy o encarou, nervosa, notando que os olhos azuis estavam injetados e sentindo o cheiro rançoso de álcool no hálito do marido. Ficou feliz por estar dormindo quando ele chegou.

– Foi ótima. – Sam olhou para ela. – Acho que vou poder restaurar a fortuna da casa dos Montagues em pouco tempo.

Em geral, aquele tipo de comentário bastava para animar Amy, mas naquela manhã as palavras de Sam carregavam um tom vazio.

– Fazendo o quê, exatamente?

Ele se aproximou e segurou-a pelos braços.

– Querida, você está encarando o diretor-gerente da Construtora Montague Ltda.

– Verdade?

– É. Quer uma xícara de chá?

– Não, obrigada. E quanto você vai ganhar? – perguntou Amy, esperançosa.

– Ah, não muito, acho. Mas claro que todas as minhas despesas vão ser cobertas.

– Se você é o diretor-gerente, tem que receber um salário, não?

Sam jogou um sachê de chá em uma caneca.

– Amy, trata-se de especular para acumular. Não posso pedir um salário até provar meu valor e estar com um projeto encaminhado. Assim que isso acontecer, vou ganhar 50% dos lucros. O que significa que vai ser um monte de grana.

O coração de Amy ficou pesado.

– Sam, precisamos de dinheiro *agora*, não daqui a alguns meses. Sei que isso pode deixá-lo rico no futuro, mas entende que não temos como sobreviver com o que eu ganho no hotel?

Sam derramou água fervente na caneca e bateu com a chaleira na bancada com uma força desnecessária.

– E o que você sugere que eu faça? Que vá trabalhar em um emprego sem futuro em uma loja ou em uma fábrica para trazer um trocado extra?

Era exatamente isso que Amy queria que ele fizesse. Ela respirou fundo.

– Por que você enxerga um trabalho comum com tanta negatividade, Sam? Você tem uma boa formação, um monte de experiências diferentes, e tenho certeza de que conseguiria um emprego de escritório bem pago...

– Que a longo prazo não vai levar esta família a lugar nenhum, Amy. Eu preciso olhar para o futuro, arranjar um modo de prover o estilo de vida que queremos e merecemos. Nós dois sabemos que não vou conseguir isso trabalhando para outra pessoa em um escritório meia-boca.

– Sam, no momento eu só quero manter o lobo longe da porta. Pessoalmente, acho que parte do problema é que ficamos olhando demais para o futuro e especulando – argumentou Amy, afastando o cabelo louro do rosto, agitada. – Não é mais como quando nos conhecemos. Temos responsabilidades, filhos para abrigar e sustentar, e não podemos fazer isso vivendo de brisa.

Ele a encarou, tomando um gole de chá.

– Então quer dizer que você perdeu a fé na minha capacidade de acertar em algum negócio grande?

– Não... – respondeu Amy, vendo a expressão nos olhos dele e identificando o perigo. – Claro que acredito em você e no seu tino empresarial, mas será que não daria para deixar isso para seu tempo livre e combiná-lo a um trabalho que renda algum dinheiro extra agora?

– Meu Deus, Amy! Obviamente você não faz ideia de como são os negócios. Se eu quiser fazer essa construtora decolar, vou ter que usar cada minuto dos meus dias.

Agora o rosto de Sam estava vermelho de raiva. Ele agarrou o braço de Amy com força enquanto ela caminhava até a pia.

– Eu vou fazer isso, querida. Senão, você, eu e as crianças vamos ficar presos nesta casinha de merda pelo resto da vida. Assim, em vez de me criticar por tentar fazer o máximo para tirar a gente deste buraco, eu gostaria que você me apoiasse!

– Eu... – começou ela enquanto o aperto em seu braço aumentava. – Está bem.

– Bom. – Sam soltou-a, depois pegou a caneca de chá e foi até a porta da cozinha. – Vou me vestir e sair.

Amy se sentou, esfregando o braço dolorido e ficando bem quietinha. Sam subiu a escada e então, cinco minutos depois, desceu de novo. A casa inteira estremeceu quando ele bateu a porta da frente com força.

Engolindo em seco de alívio e tentando conter as lágrimas que ameaçavam brotar, Amy se levantou e subiu, entorpecida, até o quartinho que dividiam, para que as camas das crianças ficassem no cômodo maior.

Sentou-se na cama desarrumada e olhou a parede úmida à frente.

O que havia acontecido com eles nos últimos anos? Em que ponto tudo dera errado?

Tinha conhecido Sam no bar Swan, em Southwold – ela no último ano da faculdade de artes, tendo vindo de Londres para o casamento de uma amiga, ele parando para um drinque em uma noite de sábado. O amigo dele estava atrasado e ela precisava de uma folga da atmosfera claustrofóbica do casamento. Os dois começaram a conversar, uma coisa levou a outra e ele ligou para ela em Londres, convidando-a para um fim de semana na casa de sua família nos arredores de Southwold.

Amy se lembrou de quando viu a Admiral House pela primeira vez. Era tão perfeita, quase como uma casa de boneca de tão bonita, que ela sentiu vontade de pintá-la. A mãe de Sam, Posy, foi tremendamente acolhedora, e a estadia transcorreu tão relaxante que, quando retornou ao pequeno apartamento em Londres, apenas sonhava em voltar para o espaço e a paz de Suffolk.

Sam acabara de começar sua empresa de informática e alimentara Amy com sua energia e imaginação. Ela achou aquele entusiasmo pela vida cativante, a família dele incrível e sua cama quente e convidativa.

Quando Sam pediu que Amy se casasse com ele e se mudasse para Suffolk, logo depois de ela se formar, a decisão não foi difícil. Alugaram uma pequenina casa geminada em uma das ruas elegantemente antiquadas do bairro e se estabeleceram na vida de casados. Amy passou a levar seu cavalete para a beira-mar, pintando as paisagens e vendendo-as para os turistas em uma galeria local. Mas esse trabalho era apenas sazonal, e quando a empresa de informática de Sam faliu, ela precisou aceitar o primeiro emprego que lhe ofereceram, como recepcionista no Feathers, um hotel confortável, ainda que antigo, no centro da cidade.

Os últimos dez anos tinham sido uma série de altos e baixos, dependendo da situação de Sam nos negócios. Quando as coisas iam bem, ele a

cobria de flores e presentes e a levava para jantar. E Amy se lembrava da pessoa divertida com quem tinha se casado. Quando as coisas iam mal, a vida era muito diferente...

Para ser honesta consigo mesma, as coisas estavam indo mal havia bastante tempo. Quando a empresa de filmes quebrou, Sam afundou em um atoleiro de desânimo e mal saía de casa.

Ela havia se esforçado muito para não piorar as coisas. Apesar de Sam ficar em casa durante o dia, Amy raramente pedia que ele pegasse as crianças na escola ou fizesse as compras enquanto ela trabalhava. Sabia que o orgulho dele dependia de ainda pensar em si mesmo como empresário. E tinha aprendido, pela experiência, a deixá-lo em paz quando ele estava para baixo.

– E eu?

As palavras escaparam antes que ela pudesse impedir. Contava quase 30 anos. O que havia conseguido na vida até então? Tinha um marido que parecia permanentemente desempregado, estavam falidos e reduzidos a morar em uma choupana alugada. Sim, tinha dois filhos lindos e um emprego, mas não era a carreira luminosa de artista plástica com que havia sonhado antes de se casar.

E quanto ao temperamento dele... Sabia que a agressividade que demonstrava, principalmente depois de beber, estava piorando. Desejava ter com quem falar a respeito, mas quem?

Lamentando-se, Amy vestiu rapidamente o terninho azul-escuro do trabalho e passou um pouco de maquiagem para dar cor às bochechas pálidas. Estava cansada, era isso, e Sam realmente se esforçava ao máximo. Saiu de casa decidida a comprar algo especial para o jantar. As coisas só ficavam piores quando discutiam, e já tinham todos os outros problemas. E, apesar de seu pressentimento de que aquele novo negócio estava tão condenado quanto os outros, Amy sabia que não tinha opção além de confiar nele.



Como era sexta-feira, e início do Festival Literário de Southwold, o hotel Feathers estava caótico. A outra recepcionista tinha avisado que faltaria porque estava doente, então Amy não teve folga para o almoço e não pôde fazer as compras para o fim de semana. Precisou resolver uma reserva duplicada, um vaso entupido e o sumiço de um relógio, supostamente roubado,

até que reapareceu misteriosamente meia hora depois. Olhando o próprio relógio, viu que tinha apenas dez minutos para pegar as crianças na casa de Josie, a babá. E não havia sinal de Karen, a recepcionista da noite.

O Sr. Todd, o gerente, tinha desaparecido, e, quando ela tentou ligar para o celular de Sam para ver se ele podia buscar as crianças, ele não atendeu. Amy revirou a bolsa atrás da caderneta de telefones e percebeu que a havia deixado na mesa da cozinha, em casa. À beira das lágrimas, ligou para o auxílio à lista e descobriu que o número de Josie não constava.

– É impossível conseguir alguma ajuda aqui?!

O balcão de recepção tremeu sob a força do punho que bateu nele.

– Já liguei para cá três vezes pedindo que alguém tente fazer água quente sair da porcaria das minhas torneiras!

– Sinto muitíssimo, senhor, eu avisei à manutenção e eles prometeram cuidar disso o mais rápido possível.

Amy sabia que sua voz estava embargada por causa do nó na garganta.

– Estou esperando há duas horas, pelo amor de Deus! Assim não dá. Se você não resolver em dez minutos, eu vou embora.

– Sim, senhor, vou falar com a manutenção de novo.

Sua mão tremeu ao pegar o telefone, agora com lágrimas brotando nos olhos, não importava quanto as engolisse. Antes que pudesse levar o aparelho ao ouvido, viu Karen entrar.

– Desculpe o atraso, Amy. Tem um caminhão virado na entrada da cidade – explicou Karen, dando a volta no balcão da recepção e tirando o casaco. – Tudo bem?

Amy apenas deu de ombros e passou as costas das mãos pelos olhos.

– Pode ir, eu resolvo isso. – Karen se virou e abriu um sorriso animado.

– Bom, Sr. Girault, como posso ajudá-lo?

Amy correu para o escritório dos fundos, encontrou um velho lenço de papel na bolsa e assoou o nariz. Então vestiu o casaco e, de cabeça baixa, andou rapidamente até a saída. Quando saiu para o ar frio da noite, aliviada, uma mão grande pousou em seu ombro.

– Olhe, desculpe. Não quis chatear você. Sei que a culpa não é sua.

Amy se virou e ergueu os olhos para o homem alto com quem tinha acabado de falar na recepção. Em sua angústia, não reparara na aparência dele, então notou os ombros largos, o cabelo castanho ondulado e os olhos verdes e profundos cheios de preocupação.

– Não, por favor, não peça desculpas. Não foi o senhor, de verdade. Agora, se me der licença, estou muito atrasada para buscar meus filhos.

– Claro. – Ele assentiu. – E realmente sinto muito.

– Obrigada.

Amy se virou e desceu a rua às pressas.

Ao chegar em casa com duas crianças exaustas e mal-humoradas, além das sacolas de supermercado, bastou ver a sogra parada junto ao portão para que as lágrimas quase brotassem de novo.

– Oi, Posy.

Ela forçou um sorriso enquanto destrancava a porta.

– Querida, você parece cansada. Dê aqui, me deixe ajudar.

Posy pôs a lata que estava segurando debaixo de um braço e pegou algumas sacolas de compras com a mão livre. Dentro de casa, acomodou Sara e Jake à mesa da cozinha e pediu que Amy pusesse a chaleira no fogo enquanto ela preparava torrada com manteiga e esquentava um pouco de macarrão enlatado para as crianças.

– Meu Deus, está frio aqui dentro – disse Posy, e estremeceu.

– Infelizmente não tem aquecimento – respondeu Amy. – Esta casa foi feita para ser usada só no verão.

Posy olhou para aquela cozinha minúscula e pavorosa, a única lâmpada que pendia sem luminária no centro do cômodo destacando cada mancha de sujeira nas paredes.

– Não é exatamente um palácio, não é?

– Não – comentou Amy. – Mas espero que seja por pouco tempo, até a gente se recuperar financeiramente.

– Sabe, eu falei para Sam que vocês podem ficar comigo na Admiral House o tempo que quiserem. Parece ridículo eu morar lá sozinha enquanto vocês se espremem aqui.

– Você sabe que o orgulho do Sam jamais permitiria isso.

– Bom, querida – disse Posy abrindo a lata e tirando de dentro um bolo de chocolate perfeito –, às vezes o orgulho vem antes da queda, e não aguento pensar em vocês morando neste casebre.

Ela cortou o bolo em fatias.

– Pronto, o melhor bolo da vovó, depois que vocês terminarem a torrada e o macarrão. Quer um pedaço, Amy?

– Não, obrigada.

Amy achou que poderia engasgar.

Posy olhou para a nora. Apesar de Amy continuar linda, sua saia parecia frouxa nos quadris e os olhos azuis pareciam enormes no rosto pálido. O cabelo louro e comprido, geralmente imaculado, lutava para escapar do rabo de cavalo e precisava ser lavado.

– Você está tão magra, querida. Está comendo direito?

– Estou, Posy, estou bem, de verdade – disse Amy enquanto limpava o rosto de Sara. – Se me der licença, tenho que dar banho nas crianças e colocá-las para dormir.

– Claro. Posso ajudar?

Amy pensou em como Posy reagiria ao ver o banheirinho esquelético, depois deu de ombros. O que importava?

– Se você faz questão...

Posy não teceu mais comentários enquanto dava banho nas crianças. Depois de secá-las e vesti-las, ela disse que ia acender a lareira enquanto Amy lia uma história para elas.

Depois que Jake e Sara finalmente adormeceram, Amy desceu a escada e afundou com alívio em uma poltrona puída. Posy veio da cozinha com uma taça de vinho em cada mão.

– Espero que não se importe por eu ter aberto a garrafa, mas você parece que está precisando.

Amy comprara o vinho para tomar com o marido mais tarde, mas aceitou a taça, agradecida.

– Onde está Sam, por sinal? – perguntou Posy, se acomodando no velho sofá de couro.

Amy deu de ombros.

– Não sei, mas ele está envolvido com algum assunto de trabalho, então talvez esteja em uma reunião.

– Às sete e meia de uma noite de sexta-feira? – Posy arqueou uma sobrancelha. – Duvido.

– De qualquer modo, ele deve chegar logo.

– Ele ajuda você com as crianças?

– Não durante a semana, mas nos sábados e domingos ele é ótimo – respondeu Amy com lealdade.

– Amy querida, Sam é meu filho. E, apesar de amá-lo muito, também o conheço bem. Se você der a mão, ele pega o braço inteiro.

– Ele se esforça. De verdade, Posy.

– Quer dizer, como hoje? Se Sam não está trabalhando, deveria ajudar você com a casa, certo? Pelo menos deveria pegar as crianças ou fazer as compras. Você parece exausta, querida.

– Só preciso de uma boa noite de sono. Estou bem, de verdade.

A última coisa que Amy queria era ouvir um sermão sobre os defeitos de seu marido errante, mesmo sendo verdadeiro.

– E como vão as coisas com você?

– Recebi uma notícia maravilhosa! – Posy bateu palmas. – Nick me ligou para dizer que está voltando para casa!

– Depois de todo esse tempo – disse Amy, sorrindo. – Tem razão para estar empolgada.

– Estou mesmo. E, ironicamente, vi Evie Newman na cidade hoje. Ela também voltou para Southwold, com a filhinha a reboque.

– Não era Evie que ajudava a cuidar da loja de antiguidades de Nick?

– Era. – Posy tomou um gole de vinho. – Eu não lembro, você a conheceu?

– Conheci, mas, quando Sam e eu nos casamos e me mudei para cá, ela já tinha ido embora de Southwold.

– É uma tremenda coincidência Nick e Evie retornarem com algumas semanas de intervalo – comentou Posy.

– É. Sabe quanto tempo Nick deve ficar?

– Não. E, para ser franca, tenho medo de perguntar. Vou aproveitar o máximo que puder, e será maravilhoso ter os conhecimentos dele na Admiral House. Essa semana andei pensando que chegou a hora de avaliar o que tem lá dentro.

– É mesmo? Está pensando em vender as coisas?

– Talvez. Certamente, se eu decidir vender a casa também.

– Ah, Posy, não está falando a sério! – Amy ficou horrorizada. – A casa é da sua família há gerações. Eu... Ela é linda! Não pode fazer isso.

– Eu sei, querida, mas aquelas gerações tinham capital para mantê-la. E empregados, devo acrescentar. – Posy suspirou. – De qualquer modo, chega de falar de mim. Como vai o trabalho?

– Frenético, na semana do festival literário. O hotel está lotado.

– É bom ter um monte de escritores interessantes na cidade. Vou ouvir Sebastian Girault falar do livro dele amanhã. Ele parece um homem interessante.

– Sebastian Girault? – repetiu Amy, distraída.

– É. O romance dele foi indicado para o prêmio Booker deste ano. E vendeu muito mais do que o livro vencedor. Você deve ter ouvido falar dele, Amy.

Ultimamente, Amy sentia que era um feito ler as manchetes do tabloide diário sem ser incomodada, que dirá um livro inteiro.

– Não. Quero dizer, só ouvi falar nele hoje. Na verdade, eu o conheci essa tarde. Ele está hospedado no hotel.

– É mesmo? Sorte a sua. É bem bonito, não é? Alto e fortão. – Posy sorriu.

– Para ser sincera, nem reparei. Ele estava gritando comigo porque não tinha água quente no quarto.

– Nossa, que pena. Esperava que ele fosse tão gentil quanto pareceu pelo rádio. Sabe, ele teve uma vida difícil. A esposa morreu no parto há alguns anos, e o bebê morreu junto. Mas isso não é motivo para ser grosseiro com os outros. Este é o problema das celebridades, não é? Ficam arrogantes com a fama, se tornam outras pessoas – disse Posy, então encarou Amy e depois bateu palmas. – Olhe, por que você não vai comigo amanhã? Podemos reservar uma mesa para almoçar no Swan e depois ir para a conferência. Vai ser bom para você sair um pouco.

– Não posso, Posy. Não tenho ninguém para ficar com as crianças.

– Sam pode cuidar delas por algumas horas, não? Afinal de contas, é sábado.

– Eu... – Antes que pudesse responder, Amy ouviu a porta da frente se abrir e Sam entrou.

– Querido – cumprimentou Posy, se levantando para dar dois beijos no filho. – Onde você estava?

– Em uma reunião.

– No bar, foi? – perguntou Posy, sentindo o hálito de Sam.

– Não comece, mamãe, por favor.

– Não vou começar, mas a coitada da sua esposa teve um dia péssimo e eu estava dizendo agora mesmo que ela precisa de uma folga. Por isso vou levá-la para almoçar amanhã e depois vamos a um evento no festival literário. Você vai ficar bem com as crianças durante a tarde, não vai, Sam? Agora vou deixar vocês jantarem em paz. Bom, estarei aqui para buscá-la amanhã ao meio-dia e meia, Amy. Tchau, vocês dois.

– Tchau, Posy – disse Amy com o rosto ruborizado.

A porta da frente se fechou e Amy olhou o marido, nervosa, tentando avaliar o humor dele.

– Desculpe, Sam. Você sabe que, quando sua mãe põe uma ideia na cabeça, ela não tira mais. Vou telefonar amanhã de manhã e dizer que não posso ir.

– Não. Mamãe está certa, você precisa mesmo de uma folga. Posso ficar com as crianças à tarde. E, escute, desculpe por ter perdido a cabeça hoje cedo.

– E desculpe por ter duvidado de você – disse Amy, inundada de alívio com o pedido.

– Tudo bem. Dá para entender, mas você precisa confiar em mim.

– Eu confio, Sam. De verdade.

– Que bom. Agora, o que tem para o jantar? E cadê o resto desse vinho?

3

– Eu não quero ir, mãe, por favor!

– Clemmie, a Orwell Park é uma escola maravilhosa e é uma oportunidade fantástica para você.

– Não ligo para isso. Quero ficar aqui com você, e não ir embora. Por favor, mãe, não me mande ir.

– Venha cá.

Evie Newman pegou a filha no colo e lhe deu um abraço.

– Acha que eu quero que você vá embora?

– Não sei. – Clemmie fungou.

– Bom, claro que não quero, mas preciso pensar no seu futuro. Você é muito inteligente e a mamãe quer tentar lhe dar as melhores oportunidades.

– Mas eu gostava da minha escola em Leicester. Por que a gente não pode voltar para lá?

– Porque agora a gente mora aqui, querida. E, mesmo se a gente ainda morasse em Leicester, eu ia querer que você fosse estudar na Orwell Park.

– Eu só quero que a gente volte para casa. Quero que tudo seja como antes – soluçou Clemmie no ombro de Evie. – Eu preciso cuidar de você, mãe, você sabe disso.

– Não sei, não, Clemmie – disse Evie, séria. – Sou bem capaz de cuidar de mim mesma.

– Se eu for estudar longe, você vai ficar sozinha nesta casa grande. E se...

– Clemmie querida, prometo que vou ficar bem – interrompeu Evie, acariciando o cabelo da filha. – Eu me sinto muito egoísta por ter tido você só para mim nos últimos anos. Está na hora de você ter vida própria e parar de se preocupar comigo.

– Isso nunca vai acontecer. Eu gosto da nossa vida assim, só você e eu.

– Eu sei, eu também gosto. Mas lembre-se de que você vai voltar para casa todo fim de semana e que as férias são muito mais longas do que na sua escola antiga. Vamos ter bastante tempo para ficar juntas, prometo.

Clemmie se afastou bruscamente do abraço de Evie e se levantou.

– Você só quer se livrar de mim. Eu não vou e você não pode me obrigar! Ela saiu correndo da sala e bateu a porta.

– Droga, droga, droga!

Evie caiu com força no sofá. Mandar a filha amada para longe estava partindo seu coração, e sabia que por dentro era tão dependente da menina quanto Clemmie era dela. Morando sozinhas na pequena casa geminada em Leicester, e com tudo que havia acontecido, Clemmie precisara amadurecer rápido demais e assumir responsabilidades que um adulto consideraria estressantes.

Evie sabia que, por mais que a separação inicial doesse, era imperativo que Clemmie fosse para um internato. Estava na hora de ela começar a viver e a rir como qualquer menina de 9 anos, e a desenvolver o próprio mundo, separado do da mãe.

A campainha tocou no primeiro andar. Sentindo-se absolutamente exausta, Evie se levantou, desceu pesadamente os três lances de escada e finalmente abriu a porta.

– Oi, Evie. Sei que é cedo, mas a cidade está agitada.

Marie Simmonds, a amiga mais antiga de Evie, estava à porta, sorrindo para ela. Na escola, tinham sido apelidadas de “Pequena e Grande”; Evie miúda e magra, e Marie gordinha e sempre uma cabeça mais alta do que as colegas de turma. Naquele momento, Evie pensou que trocaria de lugar com ela sem hesitar.

– Entre. Não repare, tudo ainda está uma bagunça.

Evie levou Marie pelo corredor até a cozinha.

– Meu Deus, Evie, você tem sorte de morar nesta casa. Deixe comigo e eu vendo para você amanhã mesmo, até decorada à la década de 1950.

Marie era gerente de uma imobiliária da cidade e tinha feito carreira a partir do cargo original de recepcionista.

– Não mexeram nela desde que meus avós a mobiliaram. – Evie deu de ombros. – E não, obrigada. Quero morar aqui, pelo menos por enquanto.

– Bom, do jeito que as coisas andam, com Londres inteira desesperada

para arrumar um lugar aqui e pagar qualquer preço pelo luxo de estar em Southwold, acho que você pode se considerar milionária.

– Bom saber, mas não pretendo vender, então não faz muito sentido pensar nisso, não é? Café?

– Sim, por favor. Por que eu não tenho um parente bonzinho prestes a bater as botas e deixar uma mansão em Southwold para mim? – lamentou Marie, passando a mão pelos cachos pretos volumosos.

– Porque seus maravilhosos pais ainda estão vivos – respondeu Evie pragmaticamente. – Coisa que não tenho desde os 10 anos.

– Desculpe, não quis parecer insensível ou mercenária. É só que de vez em quando fico meio amargurada vendo esse monte de dinheiro trocar de mãos no escritório enquanto eu e minha família, que moramos na cidade há gerações, somos obrigadas a nos mudar para as redondezas porque não podemos arcar com o custo de vida.

– Torrada? – perguntou Evie, colocando uma xícara de café diante de Marie na mesa.

– Não, obrigada. Estou de dieta outra vez. Sinceramente, Evie, eu devia odiar você: tem esta casa enorme e esse corpinho que não mudou desde a escola, mesmo depois de ter um bebê e comendo o que quer.

Marie observou com inveja enquanto Evie cobria sua torrada com manteiga e geleia.

– Você não ia querer ter meu corpo, Marie, garanto – disse Evie, sentando-se à mesa. – E eu posso invejar seu casamento feliz e seus filhos cujos pais ainda estão juntos.

Ela deu de ombros.

– Como está Clemmie?

– Triste, teimosa e dramática. Ela odeia Southwold e quer voltar para Leicester. Está lá em cima, de birra porque vai estudar longe. Não sei o que fazer. No momento, ela se recusa a ir. Eu me sinto uma escrota. É horrível que ela pense que eu não a quero em casa, mas é importante que ela vá, por vários motivos.

– É mesmo? Ela é tão pequena, Evie. Será que não pode estudar mais alguns anos por aqui e ir para o internato depois? A escola primária de Southwold é bem boa, na verdade. Mudou muito desde que estudamos lá. Claro que não tem todos os luxos de uma instituição particular chique, mas meus filhos são muito felizes lá.

– Não. Pelo bem de Clemmie, quero que ela vá agora.

– Eu admito que não ia gostar de mandar meus filhos para longe aos 9 anos. – Marie deu de ombros. – Ia sentir uma saudade enorme. E se ela for, você vai sentir. Vai ficar aqui sozinha.

– Ah, eu tenho um monte de coisas com que me ocupar. Vou ficar bem. Marie tomou um gole de café.

– E como está sendo voltar para cá?

– Tranquilo – respondeu Evie laconicamente.

– Tem visto Brian?

– Meu Deus, não. Você sabe que ele foi embora quando Clemmie era bebê, e desde então não tenho notícias dele.

– Então ele não tem contato nem com a filha?

– Não.

– Que triste! Quero dizer, para Clemmie.

– Garanto que estamos muito melhor sem ele. Olho para trás e me pergunto o que eu enxergava naquele homem.

– Ele sempre tratou você com superioridade – concordou Marie.

– Ele me tratava como criança. Nada que eu fazia tinha valor. Eu o admirava tanto, achava que ele era muito mais inteligente do que eu, que tinha vivido muito mais do que eu, e no início até gostava de ter alguém que cuidasse de mim – disse Evie, se levantando e jogando o resto do café na pia. – Agora vejo que Brian era só um substituto para o pai que eu perdi muito jovem.

– A vida não tem sido fácil para você, não é?

– Talvez não, mas eu também não facilitei as coisas. Cometi uns erros ridículos.

– Todo mundo erra quando é jovem, Evie. Faz parte do amadurecimento. Não se culpe demais. Bom, não está na hora de irmos?

– Está. Vou subir e ver se consigo tirar Clemmie do quarto. Ela já falou que não quer ficar na sua casa enquanto a gente vai à conferência.

– Ela vai ficar bem quando chegar lá. Diga que o tio Geoff vai preparar pizza para o almoço e que Lucy está esperando por ela.

Evie assentiu.

– Vou tentar.

Depois de deixarem a mal-humorada Clemmie na casa de Marie em Reydon, o povoado vizinho, com instruções para Geoff animá-la o máximo possível, as duas voltaram para Southwold.

– Meu Deus, a cidade está movimentada – comentou Evie enquanto passavam pela cervejaria em direção ao teatro St. Edmund, onde a conferência aconteceria.

– E a esta hora na semana que vem, com o fim do festival literário e a maioria das crianças de volta à escola, este lugar vai estar mortinho – comentou Marie. – Olhe, já tem fila. Venha, vamos depressa.

Evie e Marie conseguiram bons lugares no meio do pequeno auditório.

– Você leu o livro? – perguntou Evie.

– Não, mas vi as fotos do autor. E, definitivamente, vale a pena vir ver Sebastian Girault, quer dizer, escutar – respondeu Marie, rindo.

– Ele é realmente um escritor maravilhoso... Ah, meu Deus! Não! Olhe, é Posy.

– Posy?

– Posy Montague, está vendo? Descendo a escada, ali.

Evie apontou.

– Ah, vi. Está com a nora, Amy. Vocês se conheceram? – sussurrou Marie.

– De passagem, muito tempo atrás. Ela é bem bonita, não é?

– É. Eu a conheço porque o filho dela, Jake, é da turma do meu Josh. Ela é realmente um doce... e uma sofredora, como dá para imaginar, sendo casada com Sam Montague, com aquela vocação dele para desastres financeiros – disse Marie, revirando os olhos. – Estão morando em uma casa horrível na Ferry Road, e mamãe Montague fica sentada naquela mansão enorme a poucos quilômetros de distância.

– Senhoras e senhores!

Um silêncio baixou sobre a plateia quando uma mulher apareceu no palco para fazer as apresentações.

– Em nome do Festival Literário de Southwold, estamos felizes por receber todos vocês. Tenho certeza de que será uma tarde interessante enquanto ouvimos a leitura de *Os campos sombrios*, do premiado escritor e jornalista Sebastian Girault.

A plateia aplaudiu e Sebastian Girault subiu ao palco.

– Uau – sussurrou Marie enquanto o escritor passava a mão pelo volumoso cabelo castanho, antes de começar o discurso de abertura. – Ele é um gato. Não é de admirar que a plateia seja quase toda de mulheres. Quantos anos você acha que ele tem? Uns 40 e poucos?

– Não faço ideia.

Amy fechou os olhos enquanto as luzes do salão baixavam. Sentia-se completamente exausta. Sam tinha chegado em casa no último minuto para tomar conta das crianças, então ela e Posy precisaram deixar de lado o almoço planejado no Swan e ir direto para o teatro. Como não conseguiram encontrar uma vaga para estacionar, tiveram que largar o carro do outro lado da cidade e correr para chegar antes do início da conferência.

Amy não tinha o menor interesse em ouvir Sebastian Girault falar sobre um livro que ela provavelmente jamais teria tempo de ler, mas pelo menos era uma hora em que poderia ficar sentada no escuro sem ser incomodada por hóspedes, crianças ou marido. No entanto, à medida que ele falava, até ela prestou atenção. Havia algo tranquilizador na voz suave, uma constância que a acalentava e acalmava enquanto ele lia trechos de uma história cuja tristeza intrínseca era tão grande que Amy se sentiu culpada por reclamar da própria existência.

Os aplausos no fim da leitura foram arrebatadores. Então Sebastian respondeu a perguntas da plateia. Posy indagou como ele tinha conseguido ser tão exato com os fatos da Primeira Guerra Mundial, mas Amy ficou quieta, não desejando ter contato com ele de novo.

Foi anunciado à plateia que o Sr. Girault estaria no saguão autografando exemplares dos seus livros.

– Venha, quero um autógrafo só para poder olhar naqueles olhos – disse Marie enquanto ela e Evie acompanhavam o público para fora do auditório.
– Depois vou poder imaginá-lo lendo o livro para mim em uma banheira cheia de pétalas de rosas, bem diferente do meu marido que trabalha em escritório.

– Pelo menos Geoff não tem o temperamento artístico difícil que acompanha essa beleza triste e o talento – murmurou Evie. – Brian vivia cercado de supostos intelectuais. Conheço o tipo e não acho atraente. Vou esperar aqui enquanto você compra o seu exemplar.

Evie se acomodou em um banco no canto do saguão e observou Marie entrando na fila para adquirir seu livro. Quando viu Posy saindo com Amy, baixou a cabeça e esperou não ser notada. Não deu certo. A mulher veio direto até ela.

- Evie, como está? – perguntou Posy, com um sorriso caloroso.
- Bem – respondeu ela, sentindo as bochechas vermelhas.
- Deixe-me apresentá-la a Amy Montague, esposa de Sam.

– Oi, Amy.

Evie conseguiu dar um sorriso educado.

– Oi. Acho que a gente se conheceu há muito tempo – disse Amy. – Você voltou de vez para Southwold?

– Para um futuro próximo, sim.

– Onde está morando? – perguntou Posy.

– Na casa da minha avó. Ela me deixou de herança.

– Ah, sim, ouvi dizer que ela faleceu há alguns meses. Sinto muito – disse Posy, seu olhar firme sustentando o de Evie. – O que acha de irmos tomar um chá no Swan? Estou doida para ouvir as novidades, Evie, e você e Amy podem se conhecer melhor.

– Ah, infelizmente estou acompanhada e...

– Adoráramos tomar um chá! – exclamou Marie, aparecendo atrás de Posy. – Acho que nunca fomos apresentadas, Sra. Montague, mas sei onde a senhora mora e adoro sua casa. Oi, Amy.

– Esta é Marie Simmonds. É uma velha amiga, corretora de imóveis – acrescentou Evie, constrangida com a atitude descontraída de Marie com relação a Posy, o que fazia a sua parecer ainda mais tensa.

– Olá, Marie. Então vamos, antes que fique difícil encontrar um bom lugar – sugeriu Posy.

As quatro se encaminharam para a saída.

– Com licença? É você, não é?

Amy se virou ao sentir o toque leve no ombro e viu Sebastian Girault parado atrás dela.

– Perdão?

– Você é a recepcionista do hotel com quem fui grosseiro ontem.

Amy sabia que os olhos das outras três mulheres estavam em cima dela. Sentiu que enrubescia.

– Sou eu.

– Aqui – disse Sebastian, estendendo um exemplar do seu livro a Amy.

– Provavelmente é a última coisa que você quer, mas é uma oferta de paz. Quero que aceite minhas desculpas de novo.

– Tudo bem, de verdade. Ontem eu disse que não foi sua culpa.

– Então me perdoa?

Mesmo a contragosto, Amy teve que sorrir diante da seriedade dele.

– Claro. Obrigada pelo livro. Adeus.

– Adeus.

Ela se virou e acompanhou as outras para fora do teatro. Posy e Marie estavam boquiabertas, loucas para descobrir o que havia acontecido, por isso Amy precisou explicar.

– Que bom conhecer um cavalheiro – disse Posy quando entraram no salão aconchegante do Swan.

Evie pediu licença e foi ao banheiro enquanto o resto do grupo se acomodava ao redor de uma mesa.

– Não é bem assim. Ontem ele foi um escroto comigo – respondeu Amy.

– Bom, pelo menos com isso você economizou na compra do livro. Eu paguei 16 libras pelo meu – resmungou Marie.

– Pedimos chá e bolinhos para todo mundo? – perguntou Posy. – Meu Deus, isto é tão divertido. Um grupo de garotas. Nem posso dizer quanto eu queria ter tido uma filha. A coitada da Amy acaba tendo que passar muito tempo comigo, não é, querida?

– Eu não me incomodo, Posy, você sabe – retrucou Amy.

Evie retornou do banheiro e se espremeu ao lado de Marie no sofá, apesar de haver espaço ao lado de Posy.

– Não podemos ficar muito tempo, Marie. Clemmie vai ficar preocupada – disse Evie, torcendo as mãos de um jeito agitado.

– Ela vai ficar bem – respondeu Marie, se divertindo demais para notar as indiretas de Evie.

– Seu marido é tão bom com seus filhos! – comentou Amy com um suspiro. Depois, lembrando-se de que Posy estava ali, acrescentou: – Quero dizer, ultimamente Sam anda muito ocupado.

– Então, Evie, está gostando de voltar para cá passado tanto tempo? – perguntou Posy, afável.

– Estou, obrigada, Posy.

O chá e os bolinhos foram servidos. E, para o alívio de Evie, Posy voltou sua atenção para Marie e indagou sobre a situação do mercado imobiliário na cidade.

– Por que não me deixa dar uma olhada na casa? – questionou Marie, ansiosa. – Posso fazer uma avaliação, assim a senhora pelo menos saberá quanto vale.

– Não está mesmo pensando em vender a Admiral House, está, Posy? – perguntou Evie entrando no fim da conversa, sem conseguir se segurar.

Posy viu um brilho da antiga Evie pela primeira vez.

– Tenho que considerar a ideia, querida. Como acabei de falar com Marie, o lugar requer muito dinheiro para sua manutenção, e é grande demais para uma mulher, sozinha.

– E seus filhos? – indagou Evie. – Certamente um deles vai querer...

– Morar lá quando eu bater as botas? Duvido. Seria um peso gigantesco nas costas deles, de modo que não é uma boa herança.

Enquanto Amy servia o chá, Posy observou Evie e imaginou o que teria acontecido para transformar aquela jovem adorável, cheia de vitalidade e inteligência, naquela versão pálida e magérrima. Evie parecia carregar o mundo nos ombros, e seus olhos castanhos estavam cheios de tristeza.

– Quando Clemmie vai para o colégio interno? – perguntou Marie a Evie.

– Semana que vem.

– Ah, eu estudei em um colégio interno e adorei – disse Posy. – Ela está ansiosa?

– Não, nem um pouco – respondeu Evie.

– É compreensível, mas, assim que ela chegar, tenho certeza de que vai se adaptar logo.

– Espero que sim.

Posy viu que Evie estava concentrada em sua xícara, incapaz de encará-la.

– Bom, se você quiser que eu dê uma palavrinha com ela, para tranquilizá-la, já que também estudei longe de casa, eu faria isso com todo o prazer.

– Obrigada, mas sei que ela vai ficar bem.

Posy procurou alguma coisa para preencher o silêncio desconfortável que se seguiu.

– Aliás, Evie, Nick está vindo da Austrália para uma visita.

– É mesmo? Que bom – disse ela, e se levantou. – Agora nós precisamos mesmo ir, Marie.

Ela tirou algum dinheiro da bolsa, colocou na mesa e esperou enquanto Marie, desapontada, vestia o casaco.

– Tchau, pessoal – despediu-se Marie, conseguindo entregar um cartão a Posy enquanto Evie quase a arrastava para a porta. – Me ligue.

– Vou ligar assim que tiver pensado bem, querida. Tchau, Evie! – acenou Posy para as costas da mulher que se afastava.

– A gente também deveria ir logo para casa, Posy – sugeriu Amy. – Já passou da hora do chá e eu sei que Sam não vai alimentar as crianças.

– Claro. – Posy balançou a cabeça, triste. – Sabe, eu queria entender o que fiz para chatear Evie. Éramos ótimas amigas e ela era muito divertida. Parece que tudo que havia de bom desapareceu. Ela parece péssima.

Amy deu de ombros.

– Dez anos é muito tempo. E ela claramente está tendo problemas com a ida da filha para o colégio interno.

Enquanto caminhavam para o carro, Posy não conseguiu deixar de pensar na expressão de Evie quando mencionou que Nick viria da Austrália. Havia alguma coisa ali, e Posy daria um jeito de descobrir.

CONHEÇA OS LIVROS DE LUCINDA RILEY

A garota italiana
A árvore dos anjos
O segredo de Helena
A casa das orquídeas
A carta secreta
A garota do penhasco
A sala das borboletas

SÉRIE AS SETE IRMÃS

As Sete Irmãs
A irmã da tempestade
A irmã da sombra
A irmã da pérola
A irmã da lua

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site. Além de informações sobre os
próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

